adf
AFRICA DEFENSE FORUM

PROFISSIONAIS COM UM PROPÓSITO

Exércitos Africanos Lutam para Alcançar Padrões Elevados

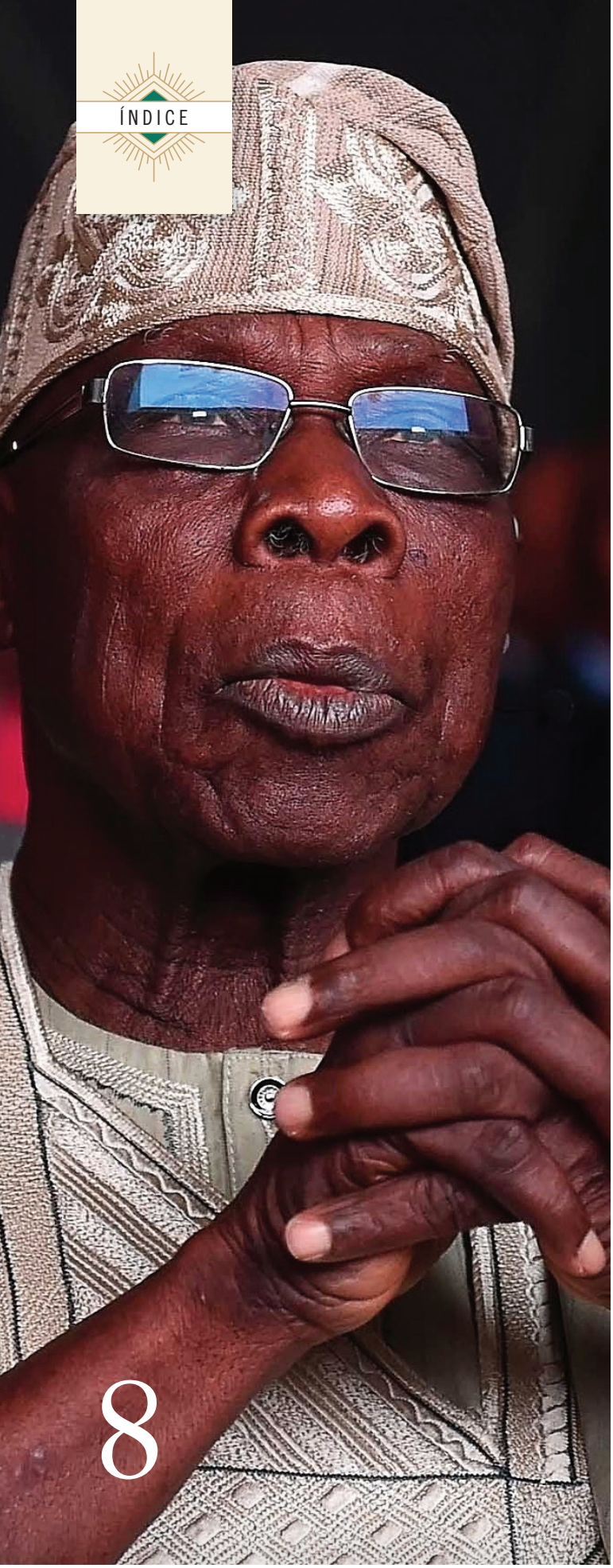
Na Serra Leoa, A Reforma da Segurança é 'Assunto de Todos'

PLUS

Uma Conversa Com o Antigo Presidente a Nigeriano Olusegun Obasanjo

VISITE-NOS ONLINE: ADF-MAGAZINE.COM

VOLUME 14 | 4º TRIMESTRE



reportagens

8 **Defender Algo Ou Cair Por Nada**
Antigo presidente nigeriano, Olusegun Obasanjo, conta por que esteve contra os golpes militares e acredita na paz através do diálogo.

14 **Deixando a Democracia Florescer**
Em tempos de instabilidade, os exércitos podem proteger as frágeis transições democráticas.

20 **De Agressores a Oficiais e Cavalheiros**
Como as Forças Armadas do Gana abandonaram os golpes e abraçaram o profissionalismo.

26 **Perfis de Liderança**
Soldados e líderes militares de toda a África sacrificaram as suas vidas e carreiras para proteger a democracia.

32 **Para o Bem Comum**
A Comissão do Oceano Índico ajuda os países insulares de África a combaterem o crime marítimo.

40 **'Assunto de Todos'**
Reforma do sector de segurança da Serra Leoa enfatiza a inclusão.

46 **O Longo Percurso do Sudão Rumo à Segurança**
Enquanto o país sai de um governo autocrático, muitas barreiras ao profissionalismo militar ainda persistem.

52 **Forças Armadas Aprendem Com a Resposta à COVID-19**
Os exércitos de África foram lançados para desempenharem papéis inesperados durante a pandemia. Esperavam aprender dos sucessos e dos fracassos.

60

colunas

4 **Pontos de Vista**

5 **Perspectiva Africana**

6 **África Hoje**

38 **Batimento Cardíaco Africano**

56 **Cultura e Desporto**

58 **Perspectiva Internacional**

60 **Defesa e Segurança**

62 **Caminhos da Esperança**

64 **Crescimento e Progresso**

66 **Retrospectiva**

67 **Onde Estou?**

A Africa Defense Forum está disponível online.

Por favor, visite-nos em:
adf-magazine.com

NA CAPA:
Esta ilustração fotográfica que representa o pessoal militar de diferentes países e ramos de serviço mostra os muitos rostos de uma força de combate profissional.

ILUSTRAÇÃO DA ADF

PONTOS DE VISTA

As intervenções militares na política deixaram um legado destruidor em África.

Entre 1960 e 2000 houve uma média de 4 tentativas de golpe de Estado por ano no continente. Em muitos casos, estes golpes armados foram catastróficos para os países envolvidos. Eles produziram décadas de péssima governação, insegurança e declínio económico.

Felizmente, os golpes estão a tornar-se cada vez mais raros. Apenas houve duas tentativas de golpe por ano em média nas passadas duas décadas. A maior parte dos golpes modernos fracassaram e os que foram bem-sucedidos foram obrigados a ceder o poder rapidamente para governos civis.

Mas os golpes persistem em certos países. O Mali, por exemplo, resistiu a três golpes bem-sucedidos na passada década. Esta agitação deixou o país instável e um local de preferência para grupos extremistas.

Então, o que pode ser feito?

As melhores defesas contra os golpes são uma cultura de profissionalismo militar e uma crença institucional no controlo civil. Estes levam anos para se alcançarem, mas resultam numa segurança e numa estabilidade duradouras.

Lições de todo o continente oferecem sinais de esperança. Nos anos pós-independência, o Gana era um dos países mais propensos a golpes no mundo. Através de reformas no exército, na década de 1980, que enfatizavam a disciplina, a responsabilidade individual e a formação ao longo da carreira, o Gana tornou-se uma democracia próspera.

A Serra Leoa resistiu a uma guerra civil brutal de 11 anos que deixou as suas Forças Armadas dizimadas e sem a confiança do público, no início da década de 1990. Um processo exaustivo de reforma do sector de segurança transformou a Serra Leoa, de um país dependente de forças de manutenção da paz estrangeiras para um país que envia soldados de manutenção da paz para fora para ajudar os países necessitados.

Finalmente, podem ser aprendidas lições de países onde os exércitos apoiam transições democráticas. Na Tunísia, durante a insurreição da Primavera Árabe, de 2010, o exército manteve a paz nas ruas enquanto os manifestantes exigiam mudanças. O exército também resistiu à pressão de intervir a favor do regime. Embora a democracia da Tunísia continue frágil, o exército foi elogiado pelas suas acções durante um tempo perigoso para o país.

O profissionalismo assume muitas formas, mas uma coisa permanece constante com o andar dos anos: os exércitos que apoiam a democracia permanecendo apolíticos ajudam a colocar os seus países no caminho da paz.

Equipa do Comando Africano dos Estados Unidos

Cadetes das Forças de Defesa do Ruanda são comissionados, em Bugesera.

FORÇAS DE DEFESA DO RUANDA

adf
AFRICA DEFENSE FORUM

Profissionalismo
Volume 14, 4º Trimestre

COMANDO AFRICANO DOS ESTADOS UNIDOS

CONTACTOS:

U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum
Unit 29951
APO-AE 09751 USA

ADF.Editor@ADF-Magazine.com

HEADQUARTERS U.S. AFRICA COMMAND

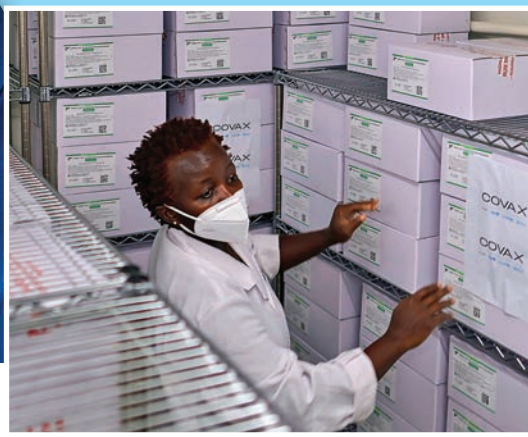
Attn: J3/Africa Defense Forum
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart, Germany

Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas em segurança em África. As opiniões expressas nesta revista não representam necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando ou de qualquer outra agência governamental dos EUA. Certos artigos são escritos pela equipa da ADF, e os créditos para outros conteúdos são anotados conforme necessário. A secretaria de defesa determinou que a publicação desta revista é necessária para difundir assuntos de natureza pública exigidos por lei ao Departamento de Defesa.

Uma Oportunidade Vinda da Crise

NAÇÕES UNIDAS

Issimail Chanfi, representante permanente das Ilhas Comores nas Nações Unidas, *proferiu um discurso durante a Série de Diálogos sobre África 2021, no dia 28 de Maio de 2021. O Gabinete da Conselheira Especial da ONU para África patrocinou o evento. O tema da série foi "Identidade cultural e posse: reformulando a forma de pensar." Os comentários de Chanfi foram editados para se adequarem a este formato.*


Uma profissional de saúde do Armazém Nacional de Vacinas de Nairobi verifica o fornecimento de vacinas contra a COVID-19 no armazenamento a frio da COVAX, o programa global para a distribuição equitativa de vacinas. AFP/GETTY IMAGES

Durante a Série de Diálogos sobre África deste mês testemunhamos que uma nova narrativa é, de facto, possível se apenas pudermos dar a voz aos especialistas africanos.

Mostramos ao mundo que África é um continente com muitos inovadores que estão prontos para enfrentar os desafios emergentes a partir de uma perspectiva africana e tendo em conta as necessidades e as realidades africanas.

Observamos que a cultura e a identidade são ferramentas poderosas que podem possibilitar os países africanos a assumirem o protagonismo do seu desenvolvimento. Mas para este fim, como sugere o tema da Série de Diálogos sobre África, precisamos de reformular a forma de pensar; temos de mudar de perspectiva.

África não deve continuar a ser considerada como um continente que precisa de "ajuda." O passado e o presente de África apresentam-nos muitas histórias de sucesso. As grandes civilizações nasceram no continente sem a ajuda de actores externos.

Projectos ambiciosos estão a ser promovidos nos nossos dias, como a Zona de Comércio Livre Continental Africana, que deverá ser o maior e mais importante mercado do mundo.

Os países africanos estão prontos para liderar a nova abordagem do desenvolvimento. Para implementar esta nova abordagem, os países africanos precisam de parceiros comprometidos, parceiros que respeitam o papel de África como o actor global, parceiros que garantem que as desigualdades do passado não sejam utilizadas para manter um desequilíbrio global.

2021 é um ano de esperança e oportunidade para África e para o mundo. Conforme foi observado durante estes três dias de debates, as interrupções causadas pela COVID-19 fornecem uma oportunidade para todos nós, para construirmos mais e construirmos melhor. A COVID-19 indicou claramente quais devem ser as prioridades.

Demonstrou a importância do capital humano. A saúde e a educação não podem continuar a ser compreendidas apenas como "direitos sociais." Elas são componentes fundamentais do desenvolvimento. Investir na saúde e na educação, investir no capital humano é garantir que a nossas sociedades sejam resilientes e capazes de vencer futuras pandemias.

A COVID-19 também provou o quanto é necessário viver em comunhão com a natureza. O crescimento económico deve ser abordado a partir de uma perspectiva de sustentabilidade ambiental. Iniciativas como a economia azul, que é promovida pelos países africanos e pela União Africana — baseada no uso sustentável dos recursos do oceano para o crescimento económico, melhoria dos meios de subsistência e da saúde dos ecossistemas — constituem o nosso futuro.

A COVID-19 também demonstrou que a industrialização é uma prioridade e uma responsabilidade para os países africanos e seus parceiros internacionais.

Vamos fazer da crise uma oportunidade. Vamos transformar o risco de uma divisão da vacina numa oportunidade para criar uma África mais forte e que contribui para a prosperidade global.

Em vez de procurar resolver a carência de vacinas em todo o mundo de uma forma tradicional, precisamos de aproveitar a oportunidade para aumentar a capacidade de África de produzir as suas próprias vacinas e, consequentemente, fortalecer a resiliência do continente e o seu caminho em direcção ao desenvolvimento.

Temos as ferramentas. Apenas precisamos de vontade política e do compromisso dos nossos parceiros para tornar este plano uma realidade.

Biólogo Blaise Kadjo exibe um morcego, na Costa do Marfim. AFP/GETTY IMAGES

MORCEGOS DE ABIJAN ENFRENTAM UM FUTURO TURBULENTO

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

No crepúsculo, dezenas de milhares de morcegos escurecem o céu da zona comercial de Abijan quando passam, com os seus rangidos, entre os edifícios do centro económico da Costa do Marfim.

O cenário é uma característica do distrito do Planalto, onde se encontra a cidade. Mas agora uma variedade de perigos humanos ameaça os pequenos mamíferos, afirmam os conservacionistas.

Quando a noite chega, os morcegos dirigem-se para a floresta de Banco, próximo dali, que foi transformada em parque nacional, em 1953. Naquele lugar, os morcegos empanturram-se por toda a noite de insectos, frutas e flores, contou Magloire Niamien, biólogo e especialista em morcegos, da Universidade de Korhogo, no norte da Costa do Marfim.

Niamien disse que a população de morcegos da cidade pode ter chegado a um milhão, em 2020, mas reduziu de forma dramática por causa da urbanização e da caça furtiva.

"Cerca da metade da população de morcegos parece ter migrado para um outro lugar," disse o Professor Inza Kone, que lidera o Centro Suíço de Pesquisa Científica da Costa do Marfim.

Cientistas afirmam que os morcegos desempenham um papel crucial na cadeia alimentar. Eles alimentam-se de muitos insectos que danificam as culturas, fazendo com que os agricultores poupem bilhões de dólares por ano em custos de pesticidas.

Algumas pessoas lamentam que os morcegos fazem muito barulho e mancham os carros com os seus excrementos.

Houve requerimentos que exigiam que as autoridades agissem, e as árvores já foram cortadas para fazer com que os morcegos desapareçam, disse o biólogo Blaise Kadjo, professor da Universidade Felix Houphouet-Boigny de Abidjan.

As pessoas também têm medo das doenças causadas por morcegos. O risco aumenta muito quando os morcegos são caçados e mortos com recurso a catanas para servir de alimento ou quando os humanos invadem o seu habitat. O Ébola é um vírus que se pensa ter-se propagado a partir de morcegos.

"Mas nunca registamos sequer um incidente de saúde ligado aos morcegos do Planalto," disse Kadjo. "Levamos a cabo testes em 2014 e não encontramos qualquer traço de Ébola."

Os morcegos ficam pendurados nas árvores durante o dia e cobrem o céu costa-marfinense no crepúsculo. AFP/GETTY IMAGES

Apesar dos riscos, os humanos ainda comem morcegos. No mercado de Siporex, no grande bairro de classe operária de Yopougon, Abidjan, três morcegos defumados são vendidos a 2.500 francos CFA (4,56 dólares).

Os cientistas querem que as autoridades costa-marfinenses protejam os morcegos, que desempenham um papel importante na fertilização de muitas plantas. Os morcegos também são umas das poucas criaturas capazes de garantir a reprodução do iroko, uma grande árvore de madeira dura cuja madeira é vendida em todo o mundo para fazer mobílias de luxo, mas está ameaçada por causa da sobreexploração na África Ocidental, disse Niamien.

"O seu papel é essencial para manter o ecossistema natural," disse Kadjo.

BURKINA FASO TESTA MOSQUITOS MODIFICADOS PARA REDUZIR A MALÁRIA

VOZ DA AMÉRICA

A malária mata mais de 400.000 pessoas por ano e a maior parte das vítimas encontram-se em África. Agora a Target Malaria, um grupo internacional de cientistas, está a trabalhar em Burkina Faso numa solução genética.

Abdoulaye Diabate, do Instituto de Investigação em Ciências e Saúde daquele país, disse que a Target Malaria espera desenvolver uma ferramenta genética para modificar os mosquitos para que as suas descendências sejam apenas de machos. Quaisquer fêmeas com quem acasalarem depois de soltos apenas irão produzir machos.

Uma vez que apenas as fêmeas dos mosquitos propagam a malária, a doença irá reduzir rapidamente juntamente com a sua população.

Na aldeia de Bana, onde os mosquitos geneticamente modificados foram testados pela primeira vez em 2019, os residentes locais estavam preocupados com a experiência.

Kiesiara Sanou, uma anciã da aldeia de Bana, disse que as pessoas pensavam que a pesquisa iria soltar mosquitos na aldeia para que pudessem causar mais doenças. Mas desde que começaram a trabalhar com a Target Malaria, as pessoas começaram a compreender o propósito e agora ajudam com tarefas como coleccionar mosquitos.

Os mosquitos geneticamente modificados são apenas uma solução para a malária que os cientistas testaram em Burkina Faso. O país também foi pioneiro em redes mosquiteiras tratadas com pesticidas. O Instituo Jenner, da Universidade de Oxford, em Abril de 2021, anunciou que a vacina contra a malária testada em Burkina Faso tinha alcançado 77% de eficácia.

Naima Sykes, da Target Malaria, disse que, de acordo com o "Relatório Mundial da Malária 2019," da Organização Mundial de Saúde (OMS), mais de 94% de casos de malária e mortes ocorreram em África.

Sykes acrescentou que quando procurava por instituições com que podia entrar em parceria, a Target Malaria procurou entrar em contacto com instituições de países com um fardo significativo da malária e deseja muito fazer algo para resolver essa situação.

Um entomologista estuda mosquitos, num laboratório burquinabê.
AFP/GETTY IMAGES

MÉDICOS SUDANESES *COMBATEM A COVID* A PARTIR DO ESTRANGEIRO

EQUIPA DA ADF

Voluntários da CMRT vão para as comunidades sensibilizar sobre o tratamento e a prevenção da COVID-19. CMRT

O que começou como uma pequena ideia entre duas médicas residentes nos Estados Unidos que queriam ajudar a sua terra natal, Sudão, com uma resposta à COVID-19 passou a ser algo muito maior.

A Dra. Reem Ahmed, da Universidade de Emory, Geórgia, e a Dra. Nada Fadul, da Universidade de Nebraska, reuniram-se nos primeiros dias da pandemia enquanto trabalhavam para grupos de advocacia, como a Associação Médica Sudanesa-Americana e a Coligação de Organizações Sudanesas Contra a COVID-19.

Elas angariaram fundos, coordenaram o envio de material e equipamentos e realizaram uma formação com currículo virtual em três universidades sudanesas.

Apesar de estarem há mais de 11.000 quilómetros de distância, reconheceram o impacto que a sua experiência como médicas podia ter na sua terra natal.

"Começámos com um lançamento de ideias entre nós sobre como podíamos ajudar a gerir os casos ligeiros a graves," disse Ahmed à ADF. "Pensamos em utilizar o recurso humano de todos os estudantes das escolas e universidades de medicina que tinham sido todas encerradas por causa da pandemia."

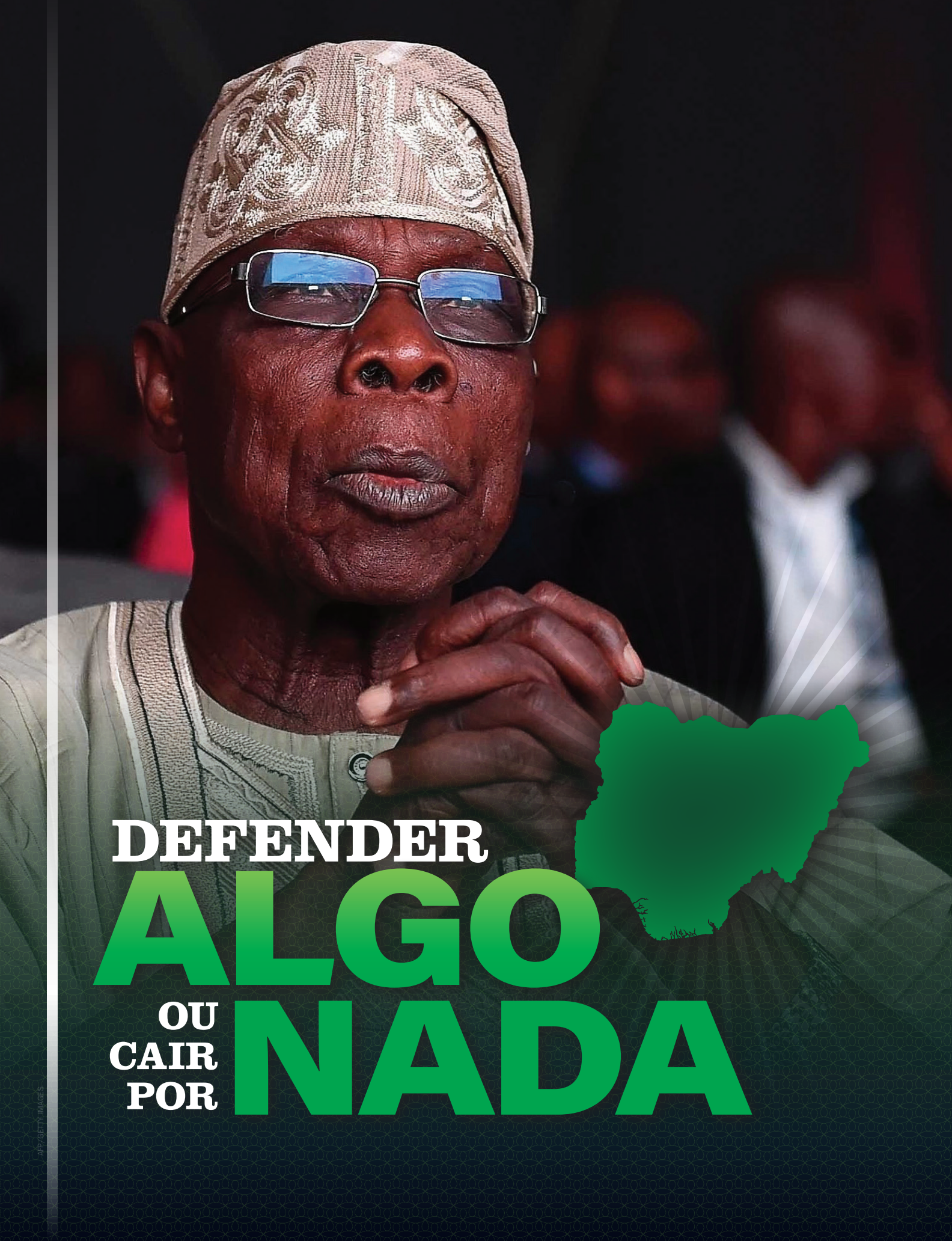
A criação de Ahmed e Fadul foi a Equipa de Resposta Médica Comunitária (CMRT, na sigla inglesa), uma iniciativa que forma e envia estudantes sudaneses com conhecimentos médicos pelo país, para tratar de pacientes da COVID-19 nas suas casas.

Ahmed, Fadul e outros especialistas do mundo inteiro realizam sessões de orientação e de formação virtuais com um grupo de 40 estudantes. Estes são pagos para trabalhar no Sudão como formadores de uma equipa maior de 150 voluntários que implementam o programa, bairro por bairro.

"No começo, entramos em contacto com estudantes de medicina e depois um estudante colocou-nos em contacto com uma rede de estudantes — de enfermagem, farmácia, estomatologia," disse Fadul. "Foi óptimo, porque não são todos os bairros que têm estudantes de medicina. Talvez um possa ter um estudante de farmácia, um outro de enfermagem, e mais. Depois temos uma equipa."

Os estudantes criaram outras redes e fortaleceram as colaborações já existentes. Depois recrutaram voluntários em 50 bairros para iniciar o programa.

"Ficou bem claro que precisávamos de aceitação por parte dos ministérios e precisávamos de aliados nas comunidades," disse Fadul. "Precisávamos de fazer parcerias com os líderes, como o imam da mesquita local, um médico local, o comité de resistência ou o comité de serviços comunitários do bairro."



DEFENDER ALGO OU CAIR POR NADA

AFP/GETTY IMAGES

Antigo Presidente Nigeriano, Olusegun Obasanjo, Conta Por Que Lutou Contra os Golpes Militares e Acredita na Paz Através do Diálogo

Carinhosamente tratado por "Baba de África" ou "Pai de África," Olusegun Obasanjo serviu como militar, governante, pacificador e advogado de direitos humanos. Nascido em 1937, no sudoeste da Nigéria, passou mais de 20 anos nas Forças Armadas, tendo chegado à patente de general de duas estrelas. Serviu como chefe de Estado da Nigéria duas vezes, de 1976 a 1979 e de novo de 1999 a 2007. Em 1979, tornou-se o primeiro governante militar em África a passar o poder a um governo civil e, em 2007, participou na primeira transição pacífica de poder da Nigéria, de uma administração civil para outra. Depois da sua presidência, serviu como mediador de vários conflitos e dirigiu esforços de monitoria de eleições pelo continente. Em 2021, foi nomeado enviado da União Africana para o Corno de África. Ele falou à ADF por via telefónica a partir da sua casa em Abeokuta, Nigéria. O seu discurso foi editado para se adequar a este formato.

ADF: *Como jovem, por que decidiu servir o seu país nas Forças Armadas?*

Obasanjo: Nos meus dias, as oportunidades para o ensino superior na Nigéria eram limitadas. Em meados da década de 1950, quando eu estava a concluir a escola secundária, apenas existia uma universidade na Nigéria. Eu fui admitido na Universidade de Ibadan, mas não tive auxílio, por isso, não pude ir. Depois, a oportunidade para dar continuidade aos meus estudos através do Exército veio quando vi um anúncio para tornar-se um oficial aspirante. Era necessidade, ânimo e a atracção de algo novo. Não vim daquilo que se pode chamar de família militar. A tradição na minha família era mais ligada à guerra entre tribos e coisas desse género. A minha família era bem destacada nisso. Mas ninguém na minha família se tinha alistado no exército antes de eu o fazer. É o que me fez entrar. Era curiosidade, animação e necessidade.

ADF: *Durante mais de 20 anos de serviço militar, terá havido um evento que tenha sido o mais importante? O que se destaca para si?*

Obasanjo: Provavelmente eu mencionaria duas coisas. A primeira foi o meu treino em Acra, Gana. Juntei-me ao Exército antes da independência da Nigéria, e, naqueles dias, tínhamos aquilo que se chamava de escola de formação de oficiais aspirantes para África Ocidental Britânica, em Gana. Lá conheci estudantes da Serra Leoa, oficiais aspirantes ganeses, oficiais aspirantes nigerianos de todas as partes da Nigéria — Yoruba, Igbo, Northerner — essa foi realmente uma experiência muito importante da minha vida. Foi muito importante. Eu carreguei isso para

Olusegun Obasanjo, no centro, preside à rendição das Forças Armadas de Biafra durante a guerra civil da Nigéria, em 1967. THE ASSOCIATED PRESS

Então Presidente dos EUA, Jimmy Carter, reúne-se com o General Obasanjo, durante uma visita de Estado à Nigéria, em 1978. ADMINISTRAÇÃO NACIONAL DE ARQUIVOS E REGISTOS DOS EUA

General Obasanjo, chefe de Estado da Nigéria, em Lagos, em 1978

THE ASSOCIATED PRESS

continuar a minha formação militar no Reino Unido onde não havia apenas estudantes africanos, mas estudantes do resto da commonwealth. Muito cedo na minha vida, isso foi muito instrutivo e um pouco determinante.

O outro e mais importante evento foi quando tive de ir servir como parte das Operações de Manutenção da Paz das Nações Unidas no Congo, em 1960. Aquilo foi simbólico. A lição que aprendi naqueles primeiros dias da minha formação e exposição precoce aos serviços internacionais através da manutenção da paz como um oficial muito jovem continua inesquecível na minha memória e na minha vida.

***ADF**: O senhor foi um opositor vocal do governo militar na Nigéria. Na verdade, em 1979, tornou-se no primeiro chefe de Estado militar nigeriano a fazer a entrega do poder a um governo civil eleito democraticamente. O que o levou a defender a liderança civil?*

Obasanjo: Isso foi essencialmente influenciado pela minha formação militar. Na formação que eu tive, o exército está sujeito à autoridade civil. Isso ficou enraizado na minha própria formação e na minha vida. Quando os golpes começaram em África pouco depois do período da independência, isto era contrário à minha formação. Era contrário à ética do exército. A outra coisa que eu vi foi que, na verdade, isso punha em causa a organização do exército. O exército é uma organização hierárquica. Quando encontramos um homem que ontem era o seu subalterno agora está a levar uma arma para a assembleia da república e alveja ou prende o Primeiro-Ministro ou o Presidente e depois ele torna-se o presidente militar, isso desorganiza a hierarquia do exército. Isso ofendia a camaradagem do exército. Acredito que a melhor coisa a fazer é colocar o exército de volta para onde ele deve estar: nos quartéis. Acredito que devemos tirar o exército do governo e fazer com que sejam adequadamente treinados, adequadamente profissionalizados e adequadamente equipados. É isso que o exército quer: estar pronto para o serviço em apoio à autoridade civil.

***ADF:** O senhor passou três anos na prisão, de 1995 a 1998, por opor-se ao governo militar de Sani Abacha. Por que esteve firme contra estes princípios democráticos, sabendo que poderia pagar um preço pesado?*

Obasanjo: Quando se acredita em algo, deve-se estar preparado para fazer um sacrifício para tal. Não se pode afirmar que se acredita em algo e depois não estar pronto para dar o que se exige. Eu acredito que o exército não deve estar no governo e agi quando tive a necessidade de agir com base nisso. Acredito que se alguém não defender

nada, acabará por cair por qualquer coisa. Numa vida dedicada a princípios, a certos padrões e regras, deve-se estar disposto a pagar o que for necessário. No fim do dia, você pode estar certo, mas se estiver errado, também deve estar pronto para aceitar isso. Com o tempo, parece que estive certo neste caso.

ADF: *Depois da sua dispensa, o senhor concorreu como civil e foi eleito presidente em 1999. O senhor fez do profissionalismo militar uma das suas prioridades principais como presidente, e, depois de assumir o poder, forçou a reforma de 93 oficiais militares. Por que isso foi importante e que mensagem queria transmitir ao exército e ao país?*

Obasanjo: Tivemos estes jogos de cadeiras do exército, removendo os civis, depois os civis regressam e o exército os remove mais uma vez, e assim por diante. As pessoas estavam a dizer, "Olha, o que podemos fazer para acabar com este ciclo de golpes?" Algumas pessoas disseram, "Podemos escrever na constituição que um golpe é traição." A questão é que as pessoas que fazem golpes sabem que é traição. É por isso que não deixam nada ao acaso. Independentemente de quanto tempo isso possa levar, penso que temos de fazer com que as pessoas não façam golpes. Temos que informar as pessoas que participar ou tirar benefícios máximos dos golpes não compensa. Isso assegura que as pessoas não desejem entrar em golpes. Tal foi o que me fez colocar aqueles oficiais na reforma. Não foi porque eram de algum modo maus, porque mais tarde trouxemos alguns deles de volta para o exército, nomeamos alguns deles embaixadores, até convidamos alguns para se juntarem a partidos políticos e por aí em diante. Outros tornaram-se governadores eleitos democraticamente. Mas a realização de golpes foi desencorajada e continua desencorajada até hoje. A ideia é que quando se vem como profissional militar, continue sendo profissional. Dedique a sua vida a servir o seu país e o seu povo e a servir a humanidade dessa forma. Se em qualquer momento desejar mudar de profissão, está livre de o fazer. Mas não utiliza o exército e a arma que lhe foi dada para proteger o seu Estado para destruir o mesmo Estado. Não tome a governação do seu país com base na ameaça de uma arma.

O presidente nigeriano cessante, Obasanjo, vota numa assembleia de voto, na sua cidade de Abeokuta, em 2007. As eleições marcaram a primeira transferência de poder de um presidente civil para o outro. REUTERS

ADF: *Como tentou instituir o profissionalismo militar na Nigéria durante o seu tempo no poder?*

Obasanjo: Por causa do meu historial nos quartéis como segundo tenente até a um general de duas estrelas, eu sabia o que um oficial militar quer. Quer ser bem treinado. Quer ser bem equipado. Quer acomodações razoáveis. Quando tivemos a nossa guerra civil, o Exército Nigeriano cresceu da noite para o dia, de cerca de 12.000 para muito mais do que um quarto de um milhão. Um dos maiores problemas era a acomodação, por isso, prestei atenção especial a este ponto. Até compramos material pré-fabricado para construir quartéis. Isso foi muito importante. A outra coisa foi a formação. Prestamos atenção à formação, quer na Nigéria quer fora dela, e fundamos a primeira escola superior de pessoal. Também chegamos ao extremo de criar o Instituto Nacional da Polícia e Estudos Estratégicos, que é parcialmente militar e parcialmente civil. Todas estas eram formas de realmente fortalecer o profissionalismo. Uma outra coisa que introduzimos foi a parte financeira. Quando era um jovem oficial, era possível obter um empréstimo para adquirir uma viatura. Eu trouxe isso de volta para que os oficiais jovens possam comprar o seu próprio carro e depois de cinco anos reembolsar o empréstimo. Somente para lhes dar as coisas normais e básicas que existiam quando eu estava a crescer no exército. Tinha estado a desaparecer como resultado do exército ter participado na guerra civil e ter crescido para um número que era difícil de gerir. Tudo isso tinha de ser feito para tomar conta do bem-estar dos oficiais e dos homens e era para que eles pudessem sentir-se orgulhosos como militares.

ADF: *O senhor tem uma longa história como mediador, tendo desempenhado esse papel em conflitos em Angola, Burundi, Chade, República Democrática do Congo, Moçambique, Namíbia e África do Sul. Em 2008, foi nomeado enviado especial do secretário-geral da ONU para a Região dos Grandes Lagos. Que habilidades especiais e conhecimentos tentou utilizar para mediar conflitos?*

Obasanjo: A forma como cresci é particularmente útil na mediação. Cresci numa cultura onde a mediação é considerada parte das nossas vidas e experiências vividas. Acreditamos que onde quer que haja pessoas, sempre haverá algo para mediar, reconciliar, acalmar e tudo mais. Um mediador deve ouvir ambos os lados e deve ser absolutamente neutro. Não que não tenha emoções como ser humano, mas as suas emoções devem ser subjugadas.

Deve também conhecer a história de qualquer situação que quiser mediar. Qual é a história? O que aconteceu antes? Deve saber qual é o mínimo que cada um dos lados está disposto a aceitar. Eles têm uma lacuna e a sua tarefa deve ser de reduzir gradualmente esta lacuna. Se um disser "Eu aceito cinco" e o outro estiver a pedir 10, como fazer com que aquele que diz apenas "cinco," venha para seis e aquele que diz "10" venha para nove? Começa a reduzir-se. Acreditamos que um mediador deve ter paciência. Independentemente do que acontecer, sempre deve receber sem se chatear. As pessoas irão dizer coisas contra si, mas deve defender aquilo que é a verdade. As pessoas normalmente não gostam de ouvir isso. Cada lado quer ter a sensação de que ganhou e um bom mediador vai fazer com que cada um sinta que ganhou.

ADF: *A sua carreira militar ajudou?*

Obasanjo: No exército aprende-se que no fim de quase todas as guerras ou conflitos existem sempre negociações, mediações, conversações, reconciliação. No meu próprio país, tivemos uma guerra civil em que destruímos a maior ponte que tínhamos, a única refinaria que tínhamos, matamos em ambos os lados. Era uma guerra que nunca devíamos ter começado, mas no fim ainda tivemos de nos reconciliar. A mediação requer habilidades baseadas na experiência, habilidades que se obtêm da cultura das pessoas. Na nossa parte do mundo, nós dizemos que um mediador deve estar pronto para ficar com o nariz a sangrar. Um mediador não deve tomar partidos. No exército, claro, há certas coisas que se aprendem. Por exemplo, como tratar os prisioneiros de guerra? Estas coisas que cheguei a ver na mediação também são essenciais. Cada grupo deve ter o sentimento de algum ganho para si. Não deve haver vitorioso, nem vencido.

ADF: *Desde que deixou o cargo, um dos papéis que desempenhou no continente foi de observador de eleições, mais recentemente na Etiópia. Por que observar as eleições é tão importante para si?*

Obasanjo: O processo de observação de eleições dá, particularmente à oposição, um sentimento de que todas as coisas correrão bem. Transmite a ideia de que o grupo ou o partido no poder não irá desprezar a tudo e todos. Ajuda para a paz e credibilidade nas eleições.

Claro, não existem eleições que possam ser consideradas perfeitas. Independentemente do quão grande ou meticulosa a missão de observação venha a ser, ainda existirão coisas que não serão capazes de ver. Mas existe um sentimento no país, em que as missões de observação estão envolvidas, de que, se as coisas correrem mal, estas pessoas irão dizer. Sempre digo aos países aonde vou em missões de observação de eleições: "Nós somos observadores; não somos intervencionistas. Iremos comunicar aquilo que tivermos visto, mas não somos juízes." Também sugerimos e fazemos recomendações sobre como as coisas podem melhorar. Em alguns casos, isso funcionou. Inicialmente, eu não queria ir para a Etiópia. Perguntava-me, "Para que fim servirá uma eleição?" O presidente da União Africana, embaixador Moussa Faki,

"Um mediador não deve tomar partidos. … Cada grupo deve ter o sentimento de algum ganho para si. Não deve haver vitorioso, nem vencido."

Obasanjo lidera uma missão de observação de eleições da União Africana na Etiópia.

AGÊNCIA ANADOLU/GETTY IMAGES

Aeronaves da Força Aérea Nigeriana sobrevoam Aso Rock em Abuja, Nigéria, durante a celebração do 60º aniversário da independência daquele país. AFP/GETTY IMAGES

Tropas marcham nas celebrações do Dia da Democracia da Nigéria, em Abuja, no dia 12 de Junho de 2019. A data marca o aniversário das primeiras eleições livres da Nigéria. AFP/GETTY IMAGES

“Acredito que iremos nadar juntos em vez de afundarmos individualmente. O que precisamos não está fora do nosso alcance. Temos de compreender que o mundo em que vivemos não nos dará tudo numa bandeja de ouro. Temos de lutar.”

ligou-me e eu disse, “Estou relutante.” Ele disse, “Para que propósito você iria querer que as eleições na Etiópia servissem?” Eu disse, “Eu quero que abram o caminho para negociações. Abram o caminho para conversações entre os tigrenhos e o governo central e entre os diferentes grupos da Etiópia.” E o embaixador Faki disse, “Bem, é por isso que você deve aceitar esta responsabilidade. Se você estiver lá, pode ser capaz de encorajá-los a fazerem isso.” É por isso que fui e, até certo ponto, ele tinha razão. Embora ainda não estejamos onde gostaríamos de estar na Etiópia, acredito que, depois das eleições, todos estarão mais ou menos dispostos a conversar. Uma missão de observação não resolve todos os problemas, mas onde ela puder ser útil, vamos colocá-la a trabalhar.

ADF: *Enquanto África emerge da pandemia da COVID-19, qual é a sua maior esperança para esta geração de líderes do sector de segurança e para os líderes civis? Como eles devem aproveitar este momento? Tem algum conselho?*

Obasanjo: Temos uma variedade de coisas à nossa frente e existem ferramentas para nos orientar. Temos a Visão das Nações Unidas para África 2030; temos o África Que Queremos 2063. Temos os desafios que estão aí para todos nós. Temos o desafio das mudanças climáticas, os desafios de segurança em toda a África, terrorismo local, terrorismo internacional, má gestão das nossas economias, má governação e, acima de tudo isso, temos a pandemia da COVID-19. O que direi? Embora as coisas pareçam pouco promissoras, se nos unirmos a nível nacional, regional e continental, acredito que iremos nadar juntos em vez de afundarmos individualmente. O que precisamos não está fora do nosso alcance. Temos de compreender que o mundo em que vivemos não nos dará tudo numa bandeja de ouro. Temos de lutar. Devemos fazer com que o mundo saiba que fazemos parte dele e iremos trabalhar arduamente para obtermos aquilo que precisamos. Podemos fazer isso juntos nas nossas comunidades, juntos no nosso país e juntos no continente. Deve haver parcerias em África, integração particularmente na frente económica e parceria entre África e o resto do mundo. Os jovens devem compreender que ninguém lhes deve dizer, “Vocês são os líderes do amanhã.” Eu dir-lhes-ia isto: “A vossa liderança começa hoje.” Caso contrário, algumas pessoas irão destruir o seu amanhã. Eles devem fazer parte do hoje, para que o seu amanhã não seja destruído. ❑

DEIXANDO A DEMOCRACIA
FLORESCER

EM TEMPOS DE INSTABILIDADE, OS EXÉRCITOS PODEM PROTEGER AS FRÁGEIS TRANSIÇÕES DEMOCRÁTICAS

EQUIPA DA ADF

Os protestos da Primavera Árabe alastraram-se por toda a África do Norte e pelo Médio Oriente no início de 2010 quando os cidadãos se levantaram contra anos de um governo autocrático. Os protestos produziram uma variedade de resultados, desde o caos duradouro na Líbia a um namoro com o governo democrático no vizinho Egipto.

O alcance da Primavera Árabe chegou a Barém, Emirados Árabes Unidos e Iémen. Acendeu o pavio que explodiu transformando-se na guerra civil da Síria, que persiste até hoje.

Mas na Tunísia, um país de 12 milhões de habitantes localizado entre Argélia e Líbia, as coisas foram diferentes. Estas diferenças podem ser atribuídas, em grande parte, às características do exército tunisino e como este respondeu aos protestos. As decisões que os comandantes tomaram nos momentos cruciais ajudaram a guiar o país para longe do governo autocrático em direcção àquela que foi uma democracia razoavelmente estável — embora imperfeita — desde essa altura.

O exemplo da Tunísia pode fornecer um roteiro valioso para outros exércitos. Quando um país está na iminência da democracia, a forma como os seus exércitos respondem — ou optam por não responder — pode fazer uma grande diferença.

"O que faz a diferença entre uma transferência democrática e uma transição complicada? Onde reside a lealdade dos exércitos?" questionaram o Dr. Nathaniel Allen, do Centro de Estudos Estratégicos de África, e o cientista político, Dr. Alexander Noyes, no Rand Corp. em 2019. "Quando as forças de segurança apoiaram o partido político de um ditador em detrimento da oposição, como no Togo e no Zimbabwe, o antigo regime continuou no poder através de um golpe ou eleições fraudulentas. Mas quando as forças de segurança depuseram os que estavam em exercício, como no Sudão e na Argélia, ou permaneceram neutros, como na Etiópia e Angola, houve oportunidades para transformar o sistema político através de eleições genuinamente livres, pacíficas e justas."

A EXPERIÊNCIA DA TUNÍSIA

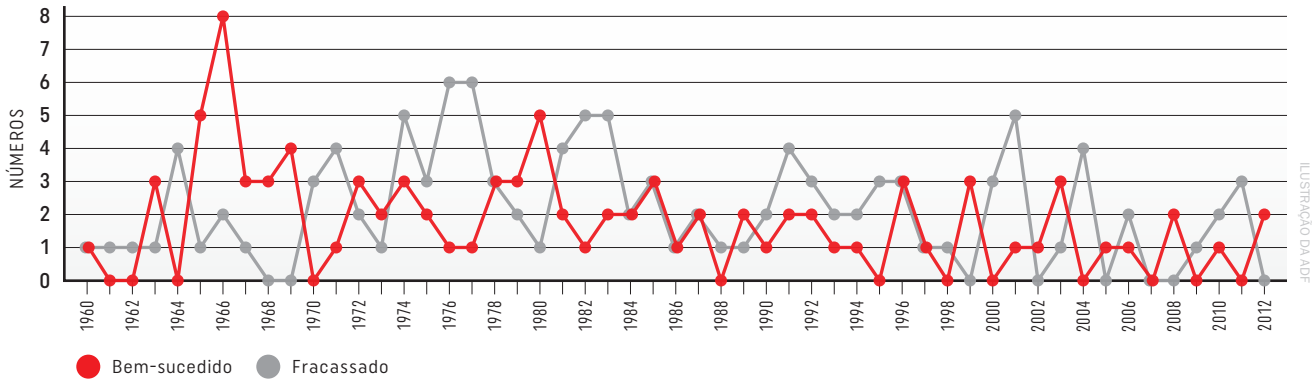
O exército da Tunísia, em última instância, tomou as melhores escolhas para a cidadania e para as probabilidades de democracia em 2011. Mas talvez o mais fascinante tenham sido as motivações do exército ao fazer tais escolhas.

O tamanho do exército, a estrutura e a ligação com o regime do então presidente, Zine El Abidine Ben Ali, oferecem perspectivas. Quando os protestos começaram, em Dezembro de 2010, as pequenas Forças Armadas da Tunísia — cerca de 40.000 soldados — na essência estavam desligadas do regime de Ben Ali pelo facto de o presidente autocrático ter criado um sistema em que a polícia e os guardas presidenciais e nacionais tivessem maior parte do poder.

Esse afastamento funcionou contra o regime quando os soldados se recusaram a ficar entre os protestantes e Ben Ali, que desistiu do poder e fugiu do país em

Manifestantes tunisinos seguram em tochas, Túnis, para marcar o sétimo aniversário da insurreição que depôs o presidente Zine El Abidine Ben Ali e deu início à Primavera Árabe. AFP/GETTY IMAGES

TENDÊNCIAS DE GOLPES DE ESTADO MILITARES EM ÁFRICA, 1960-2012



Fonte: Banco Africano de Desenvolvimento

Janeiro de 2011. Mais de 10 anos depois, Dr. Sharan Grewal chama Tunísia de "único caso de sucesso" da Primavera Árabe por ter conseguido manter a sua democracia, independentemente do quão ténue isso possa parecer.

Ben Ali e o seu predecessor, Habib Bourguiba, tinham confiado num sistema de segurança fragmentado que distanciava o exército do regime a favor de outras forças de segurança, Grewal, do Colégio de William & Mary, dos Estados Unidos, escreveu para a Brookings Institution, em Janeiro de 2021.

"Esta imparcialidade foi uma grande vantagem durante a revolução e a transição, quando o exército marginalizado afastou-se de Ben Ali e, subsequentemente, permitiu que a transição prosseguisse sem quaisquer interesses pessoais," escreveu Grewal. "Para além disso, a imparcialidade significou que sem o exército, as forças de segurança internas não podiam sozinhas preservar Ben Ali nem planificar um golpe e impedir a transição em 2013."

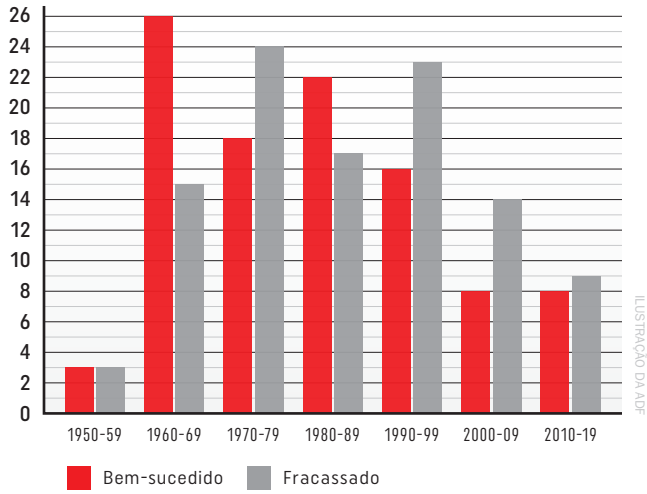
Resumindo, o exército ajudou a capacitar a revolução e a marcha do país em direcção à democracia, rejeitando a sua própria marginalização de longa data. Ben Ali e o seu predecessor, conforme Grewal escreveu para o Carnegie Endowment, em Fevereiro de 2016, mantiveram os soldados nos quartéis, sem financiamento, sem equipamento e distantes das alavancas do poder político e económico.

"Esta falta de interesses pessoais permitiu que o exército deixasse rapidamente de lado a situação de Ben Ali, depois da sua deposição, em Janeiro de 2011, e depois permanecer muito mais retirado do desenvolvimento político doméstico do que outros exércitos da região," escreveu Grewal para o Carnegie.

Quando Bourguiba esteve no poder, eventualmente confiou mais no pessoal do exército para segurança, e alguns deles assumiram um cargo mais político. Mas Ben Ali, anteriormente um brigadeiro-general, começou a subir através de cargos civis e políticos e eventualmente removeu Bourguiba num golpe branco, em 1987.

"Bourguiba não gostava do exército, mas

GOLPES DE ESTADO MILITARES EM ÁFRICA AO LONGO DAS DÉCADAS



Fontes: Pesquisa da Universidade Kentucky e da Universidade da Florida Central; publicada no dia 2 de Junho de 2021 pela BBC

respeitava-o," General Said el-Kateb, na reforma, um antigo chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, disse à Grewal. "O exército, no regime de Bourguiba, tinha melhor tratamento do que a polícia, no que diz respeito ao orçamento, equipamento e treinamento. No regime de Ben Ali, o orçamento alocado à polícia era superior em relação ao alocado ao exército; o número de agentes da polícia aumentou drasticamente. Podíamos sentir a nossa marginalização."

O PODER DOS EXÉRCITOS

Os comandantes do exército tunisino podiam ter ordenado os soldados para irem às ruas esmagar violentamente a rebelião civil desde o começo. Mas, em vez disso, as tropas ficaram do lado do povo e, em última instância, da democracia. Agora a Tunísia tem aquilo que Grewal chama de "uma das constituições mais progressivas do mundo" e está a continuar a sua

Flores de um tunisino participante das manifestações colocadas no cano da arma de um soldado durante os protestos de Janeiro de 2011. GETTY IMAGES

jornada longa e complicada em direcção a uma democracia mais estável.

Infelizmente, nem todos os exércitos africanos fazem os mesmos tipos de cálculos como a Tunísia. A história recente está repleta de exemplos de exércitos que tomaram decisões erradas no que diz respeito à ingerência em assuntos políticos. O registo de golpes do continente fornece comprovativos.

De acordo com o Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), houve mais de 200 golpes militares entre o início dos movimentos de independência africana, em 1960 e 2012. Cerca de 45% foram bem-sucedidos, resultando em mudança de poder no topo. O estudo analisou 51 países africanos e apenas 10 destes nunca tiveram uma tentativa ou planificação de golpe bem-sucedida nesse período: Botswana, Cabo Verde, Egipto, Eritreia, Malawi, Ilhas Maurícias, Marrocos, Namíbia, África do Sul e Tunísia. Desde essa altura, o Egipto já teve um golpe de Estado militar.

O estudo do BAD concluiu que no mesmo período de tempo, 80% dos países da amostra tiveram pelo menos um golpe ou um golpe fracassado. Aproximadamente dois terços — 61% — teve entre duas e 10 tentativas de golpe de Estado militares.

Quando os exércitos interferem na política de um Estado democrático, eles pisam na soberania popular, Craig Bailie, professor de ciências políticas na Universidade Stellenbosch da África do Sul, escreveu para o Centro Africano para a Resolução Construtiva de Disputas (ACCORD).

Os exércitos africanos "devem conhecer, compreender e aceitar" o seu lugar no que diz respeito à política. "Isto levará àquilo que os estudiosos de relações civis-militares designam 'controlo democrático' do exército," escreveu Bailie. "Sem a aceitação do exército dos princípios de controlo democrático, a democracia não pode existir."

O Dr. Naison Ngoma, vice-reitor da Universidade de Copperbelt da Zâmbia, resumiu os princípios e as responsabilidades geralmente aceites pelos exércitos profissionais no artigo "Civil-military relations in Africa: Navigating uncharted waters (Relações Civil-Militares em África: Navegando em águas desconhecidas)" da revista African Security Review, do Instituto de Estudos de Segurança. Os exércitos devem:

OS TREINAMENTOS E AS CAPACITAÇÕES NO ESTRANGEIRO SÃO MAIS EFICIENTES QUANDO PRIORIZAMOS A RESPONSABILIZAÇÃO, A INTEGRIDADE FINANCEIRA E OS DIREITOS HUMANOS, EM DETRIMENTO DE FORMAÇÃO E FORNECIMENTOS DE EQUIPAMENTO.

Um soldado zimbabweano saúda civis, em Harare, depois da demissão do presidente de longa data, Robert Mugabe, em Novembro de 2017. O exército obrigou Mugabe a sair e ajudou a instalar um outro líder civil. AFP/GETTY IMAGES

- Responder perante às autoridades civis, à sociedade e às agências de supervisão competentes.
- Respeitar o Estado de Direito doméstico e internacional.
- Fazer a planificação e produzir orçamentos de forma transparente.
- Respeitar os direitos humanos e o civismo cultural.
- Sujeitar-se ao controlo político nos assuntos operacionais e financeiros.
- Consultar regularmente a sociedade civil.
- Comportar-se de forma profissional.
- Apoiar a paz e a segurança de forma colaborativa.

"Embora estes princípios não sejam sempre fáceis de respeitar, as RCM [relações civil-militares] em África seguiram em direcção a e continuarão a seguir para cada vez mais próximo da observação destes princípios," escreveu Ngoma. "Por conseguinte, é fundamental que os exércitos africanos incluam programas de educação cívica a todos os níveis do ensino e formação de modo a ganhar um melhor entendimento dos e um comprometimento com estes princípios."

O QUE MOTIVA AS LEALDADES MILITARES?

Allen e Noyes apontam cinco coisas que indicam como os exércitos irão comportar-se em meio a potenciais transições para a democracia — se eles a apoiam ou lutam contra ela.

Primeiro, quanto mais inclusivos, maiores e pacíficos os protestos populares forem, menos provável é que os soldados reajam de forma violenta. Se os manifestantes estiverem unidos nas linhas económica, étnica e religiosa, os exércitos serão menos propensos a reprimi-los, principalmente se os soldados das bases forem representantes da sociedade. Esse foi o caso da Argélia, Etiópia e do Sudão.

Segundo, se as forças militares forem amplamente representativas e recrutadas e promovidas com base no mérito, estarão mais aptas para apoiar as transições democráticas.

Um ponto crucial que Allen e Noyes descrevem é que os exércitos, muitas vezes, agem de acordo com os seus melhores interesses. Os orçamentos, os pagamentos, o equipamento, as condições de vida e mais podem ser uma grande influência. A marginalização do exército tunisino a favor de outras forças de segurança é um exemplo. Os soldados daquele país não acharam bom intervir contra o público. Da mesma forma, o regime de Ben Ali não dependia deles nem os utilizava em sua defesa.

Este sentimento de auto-interesse pode ser visto de uma outra forma. No Zimbabwe, por exemplo, o exército está estreitamente alinhado com os agentes políticos. Embora tenha deposto o ditador, Robert Mugabe, em 2017, depois de 37 anos no poder, o exército instalou um outro civil com quem tem ligações muito próximas.

"Isto reteve o seu acesso às receitas, enquanto evitava a bagagem política que teria acompanhado se se tivessem apegado ao poder por um tempo indeterminado," escreveu Bailie para o ACCORD.

Um manifestante anti-regime sudanês beija um soldado próximo do quartel-general do exército, em Cartum, em Abril de 2019, no dia em que o presidente autocrático, Omar al-Bashir, foi deposto na sequência de um golpe. AFP/GETTY IMAGES

A escolha do exército de substituir Mugabe por Emmerson Mnangagwa por pouco evitou a prorrogação do mandato nas disputadas eleições de 2018.

Os líderes políticos também podem criar as suas ligações pessoais com forças militares, utilizando concessões e incentivos para ajudar a transformar os oficiais dos exércitos persistentes a fim de apoiar mais reformas democráticas. Como foi recentemente o caso da Etiópia, onde o Primeiro-Ministro, Abiy Ahmed, instituiu uma série de mudanças, incluindo o levantamento da lei marcial, a libertação de prisioneiros políticos e a suavização das relações com a vizinha Eritreia. Ahmed é um antigo coronel do exército. Da mesma forma, a oposição civil deve ser capaz de comunicar de forma eficaz com as forças de segurança.

"Os grupos da oposição no Sudão ajudaram a acabar com o governo de [Presidente Omar al-]Bashir, em parte, apelando directamente às forças de segurança, evitando a violência, continuando unidos e organizando reuniões em frente dos quartéis," escreveu Allen e Noyes.

Finalmente, os treinamentos e as capacitações no estrangeiro são mais eficientes quando priorizamos a responsabilização, a integridade financeira e os direitos humanos, em detrimento de formação e fornecimentos de equipamento.

O caminho que vai da tirania à democracia não é fácil. A Tunísia ainda luta para consolidar na totalidade as suas reformas ganhas com trabalho árduo. O Sudão encontra-se num precipício precário há mais de dois anos, depois de remover um ditador; ainda assim, pode ser fácil cair num caos. Os exércitos africanos edificados no profissionalismo, treinos adequados e que protegem o público, não servindo a um regime, estão mais bem posicionados para apoiar qualquer transição bem-sucedida em direcção à democracia. ❑

ILUSTRAÇÃO DA ADF

DE AGRESSORES A OFICIAIS E CAVALHEIROS

COMO AS FORÇAS ARMADAS DO GANA ABANDONARAM OS GOLPES E ABRAÇARAM O PROFISSIONALISMO

POR DR. HUMPHREY ASAMOAH AGYEKUM

FOTOGRAFIAS DE AFP/GETTY IMAGES

EM ÁFRICA, as intervenções militares na política são uma ameaça constante. Há poucos anos, as forças militares organizaram golpes na Guiné, Guiné-Bissau, duas vezes em Burkina Faso e duas vezes no Mali. Mesmo assim, por aproximadamente quatro décadas, o Gana permaneceu uma ilha de relativa estabilidade na África Ocidental. Os membros das Forças Armadas do Gana (GAF) foram elogiados pelo seu alto nível de profissionalismo e pela sua natureza apolítica. Isto levanta a seguinte pergunta: como é que as GAF conseguem evitar o seu envolvimento em golpes?

A resposta é multifacetada. Para compreender o recentemente encontrado profissionalismo do exército ganês, temos de nos concentrar na forma como foi criado e olhar para a história destrutiva do passado do qual emergiu. As informações deste artigo baseiam-se em entrevistas sobre factos contados na primeira pessoa pelos actuais e antigos soldados das GAF.

QUEBRA DA ORDEM MILITAR

Nos primeiros anos após a independência, o Gana era um dos países mais propensos a golpes no mundo. Nesse período, os soldados orquestraram e executaram cinco golpes bem-sucedidos e muitas outras tentativas malsucedidas. Tais eventos não apenas derrubaram governos eleitos de forma democrática, mas também causaram instabilidade social e violações de direitos humanos. Quase todos os níveis das GAF sucumbiram à tentação de golpe. Os golpes de Estado de 1966, 1972 e 1978 foram orquestrados por oficiais militares de alta patente, como coronéis, brigadeiros-generais e oficiais de patentes superiores. Em contraste, os oficiais juniores e de outras patentes orquestraram os golpes de 1979 e 1981, causando uma quebra da hierarquia e das estruturas de comando nas GAF.

No dia 4 de Fevereiro de 1982, o timoneiro e dois oficiais navais da Base Naval de Sekondi foram assassinados. Um comodoro aposentado, que, na altura, era um oficial júnior e por pouco ele mesmo ia ser assassinado, mas escapou, recorda o caos a assumir o controlo. "As mortes repercutiram-se por todo o exército," disse. "Todos temiam pelas suas vidas, especialmente os oficiais, porque sabíamos que o regime não faria nada por nós, porque confiava muito nos outros escalões para o seu poder."

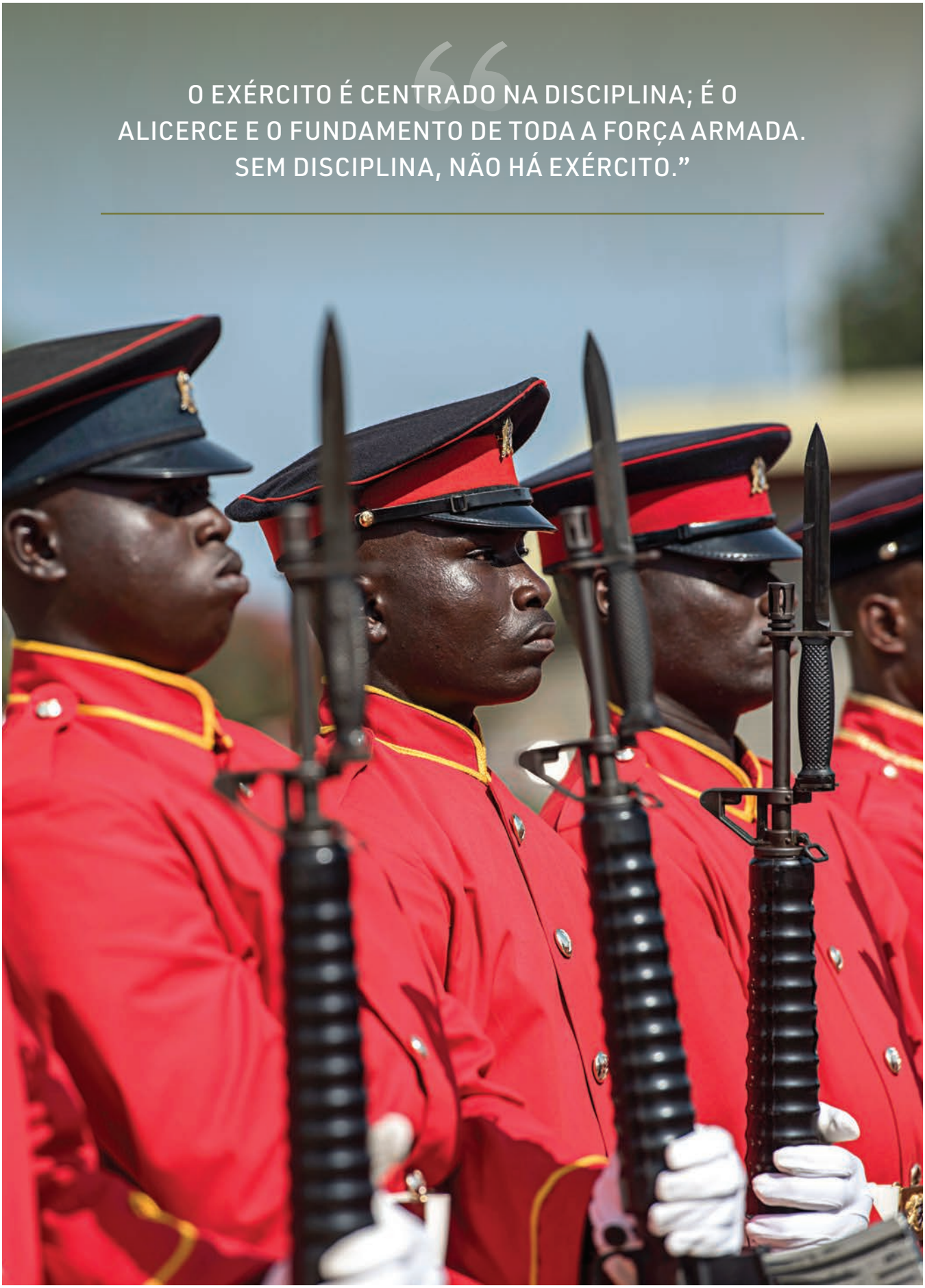
Esta foi uma fase baixa da história das GAF. O medo, associado às mortes, causou a quebra temporária de ordem nos quartéis, uma vez que os oficiais e outros superiores desafiavam não fazer cumprir a disciplina. Ao mesmo tempo, os oficiais juniores e de outros escalões não eram capazes de manter os padrões profissionais e de disciplina do exército.

VALORES DO SOLDADO

Depois dos assassinatos de Sekondi, ficou claro que era necessário haver mudança. Para as GAF se tornarem uma organização profissional, tinha de reintroduzir e

Soldados sentam-se próximo da Comissão Eleitoral, em Acra, Gana, no dia 8 de Dezembro de 2020, enquanto os ganeses esperam pelos resultados das eleições presidenciais e legislativas.

“O EXÉRCITO É CENTRADO NA DISCIPLINA; É O ALICERCE E O FUNDAMENTO DE TODA A FORÇA ARMADA. SEM DISCIPLINA, NÃO HÁ EXÉRCITO.”



fazer cumprir a disciplina e a hierarquia. Esta foi uma operação complexa que envolvia a emissão de directivas de liderança e prática de hierarquia, mas também levou à criação daquilo que passou a ser conhecido como a filosofia da "face humana".

Em 1983, a junta do Conselho Provisório de Defesa Nacional (PNDC, sigla inglesa) nomeou o General Arnold Quainoo para fazer a supervisão da recuperação das GAF. Apelidado de "Soldado Búfalo" pelo seu estilo disciplinar rigoroso, o general tinha a confiança dos seus subordinados. Ele imediatamente exigiu um comportamento profissional por parte dos seus soldados. Encorajou os oficiais a demonstrarem liderança ao comandar os seus homens e proibiu que os oficiais utilizassem os soldados para tarefas não militares, como lavar e limpar os uniformes dos seus superiores. Estas intervenções marcaram o início do restabelecimento da ordem.

"O exército é centrado na disciplina; é o alicerce e o fundamento de toda a força armada. Sem disciplina, não há exército," disse um general reformado. Colocado de forma diferente, para que a hierarquia e as estruturas internas do exército funcionem adequadamente, a disciplina tinha de ser restaurada. Isso foi feito eliminando os grupos no interior do exército que se percebesse que eram uma fonte de indisciplina, como a Companhia dos Líderes Juniores, os Guardas Fronteiras e os atletas das Superestrelas '74, que tinham sido recrutados para competir em eventos desportivos a favor do exército. As Forças Armadas também introduziram um fórum para expressar as mágoas, conhecido como "a recepção mensal," uma reforma do sistema judicial militar e um apelo reforçado a um modelo de valores do soldado.

Durante este período, cada vez que uma liderança militar visitasse uma base, o oficial comandante organizava uma reunião com os oficiais e homens que posteriormente representavam a hierarquia militar e a autoridade. Quainoo, cercado por oficiais, demonstrava de forma dramática a sua autoridade, e estava claro que esperava ver isso implementado em vários batalhões e regimentos.

Nos seus discursos, enfatizava que "um soldado sempre trabalha debaixo da autoridade de um oficial e respeita os seus superiores e as patentes," recordou-se um general reformado que serviu durante esse período.

A liderança militar também enfatiza que os soldados devem viver na base de regras e regulamentos. Estes eram os valores incutidos neles durante os seus treinos no Centro de Treinamento de Recrutas e nas academias militares. A liderança enfatizava que os soldados que não respeitassem estes valores deixavam de ser soldados e tornavam-se rebeldes. "Não permitirei que um exército que está sob o meu comando se transforme num conjunto de rebeldes," disse Quainoo, de acordo com pessoas que serviram naquela altura.

Estas demonstrações mostravam aos soldados o que a liderança militar esperava deles em termos de disciplina, respeito pelas autoridades e profissionalismo. Estas tornaram-se pedras angulares fundamentais para a transformação das GAF.

Soldados participam do funeral de Kofi Annan, um diplomata ganês e antigo secretário-geral das Nações Unidas.

FILOSOFIA DA FACE HUMANA

Depois das intervenções iniciais da liderança militar ao longo de vários anos, foi necessário dar outros passos. Muitos oficiais seniores bem qualificados que não concordavam com o envolvimento do exército na política demitiram-se do serviço voluntariamente ou foram obrigados a sair no início da década de 1980, deixando uma lacuna de autoridade e conhecimento. "Basicamente não éramos um exército funcional, muito menos profissional," disse um Major-General reformado que serviu durante aquele período. O PNDC, nos seus esforços para estabilizar o exército, nomeou o General Winston Mensah-Wood, em 1990. Ele é reconhecido como o criador da filosófica da face humana, que foi decisiva para a melhoria do profissionalismo das GAF. A filosofia da face humana é considerada o antídoto para o modus operandi de "Obedecer e depois reclamar," que prevaleceu por muitos anos nos quartéis.

A filosofia da face humana segue uma abordagem centrada no humanismo na gestão militar. Comparada à abordagem rigorosa anterior, a filosofia da face humana reconhece que o castigo nem sempre é a resposta correcta. A filosofia começa por reconhecer que o soldado é um ser humano que deve ser abordado com empatia e apoio. "O exército é uma instituição humana, com pessoas a trabalhar nele. Temos de tratar os soldados de forma a podermos obter o melhor do nosso povo," disse um oficial de relações públicas militares ganês.

A implementação da filosofia da face humana requeria que o exército ganês ajustasse as suas práticas militares. No Gana pós-independência, até ao início da década de 1990, a maioria das patentes inferiores como soldados rasos, cabos, subtenentes e sargentos eram compostas por soldados que eram semianalfabetos ou analfabetos. Uma vez que estes soldados não sabiam ler nem escrever, tinha de se organizar paradas para que as instruções semanais fossem lidas. "Os soldados eram bons em fazer os seus trabalhos, como manobras, vigiar na guarita, treinar e coisas semelhantes, mas as maiores implicações daquilo que significa para um soldado servir a sua sociedade estavam perdidas para a maior parte deles," observou um antigo subtenente. "Recorde-se que, a maior parte deles foram recrutados no período colonial. Eles tinham um tipo diferente de treino e, por isso, eram muito obedientes e não eram nada críticos." Algumas vezes, eram apelidados de soldados "Buga-Buga", um termo que é derivado da palavra Hausa para "aplicar a força." Estes soldados da geração anterior eram conhecidos por serem brutos, rígidos e grosseiros. Uma mudança de filosofia exigia um processo mais rigoroso para recrutar pessoal de alta qualidade e elevar o padrão da formação militar.

FORMAÇÃO

A formação profissional militar começou como uma forma de atrair pessoal de alta qualidade para as

GAF, mas ela evoluiu para uma forma de melhorar os padrões profissionais da instituição. Desde o começo da década de 1980, a procura por certificados do ensino superior tornou-se a norma nos quartéis. A justificação para esta política foi um relatório publicado pela liderança do exército, que dizia: "A sofisticação cada vez melhor das armas e de equipamento modernos, as suas aplicações e o uso irão definitivamente exigir que haja tropas com grau superior. As oportunidades deviam, por conseguinte, ser dadas às tropas para ampliarem os seus conhecimentos."

Doravante, as GAF começaram a recrutar apenas pessoas com ensino secundário para as suas fileiras, enquanto dispensavam gradualmente aqueles que tinham sido recrutados no fim do colonialismo.

A implicação desta política é que ela contribuiu para profissionalizar o exército ganês. "O nível de instrução individual dos soldados subiu drasticamente. A forma de pensar dos soldados mudou. Para ser capaz de fazer algo por aqui, actualmente, é necessário ser formado," disse um Tenente. "Os nossos soldados passaram de analfabetos a semianalfabetos e depois a alfabetizados."

Instituições de ensino como a Universidade do Gana, o Instituto de Gestão e Administração Pública do Gana, o Colégio de Pessoal e do Comando das Forças Armadas do Gana e o Centro de Formação Internacional de Manutenção da Paz Kofi Annan foram decisivos nesta transformação.

Esta ênfase no ensino também contribuiu para mudar a perspectiva dos soldados ganeses sobre as suas tarefas e sobre os golpes. No passado, os soldados envolviam-se abertamente na política e, às vezes, planificavam golpes nos quartéis.

Hoje, actividades como estas foram eliminadas devido às práticas de recrutamento e treino. Além disso, os comandantes são mais flexíveis na sua abordagem para com os seus subordinados. Diferentemente do passado quando os soldados eram severamente penalizados por infracções ligeiras dos códigos de conduta, a filosofia da face humana apela a que as circunstâncias pessoais do soldado sejam tidas em conta. Dependendo das circunstâncias, os comandantes preferem reprimir a aplicar castigos severos.

Resumindo, houve uma mudança de rigidez para uma abordagem mais flexível, enquanto o ensino contribuiu para a melhoria da compreensão pelos soldados dos seus papéis e responsabilidades para com a sociedade.

MANUTENÇÃO DE PAZ

O Gana tem uma história de manutenção da paz digna de orgulho e tem contribuído para as missões da ONU desde a década de 1960. É tipicamente um dos principais 10 países que mais contribui com tropas a nível mundial, com 2.000 a 3.000 soldados de manutenção da paz enviados pelo mundo a todo momento. Isso contribui para o profissionalismo do exército ganês de várias formas. Primeiro, os oficiais fornecem formação avançada e valiosa antes do destacamento bem como equipamento moderno. A formação anterior ao destacamento é fornecida pela comunidade internacional, como a União Europeia e os Estados Unidos, que dão formação e equipamento avaliados em milhares de dólares. Para além disso, o Gana abraçou a manutenção da paz como uma forma de dar formação contínua aos soldados nas suas carreiras.

"A manutenção da paz é benéfica para nós," disse um capitão de grupo. "Quando saímos, recebemos 'treinos no terreno.' As Nações Unidas treinam-nos no teatro. Isso melhora o nosso profissionalismo à medida que recebemos novos conhecimentos, que, quando regressamos, podemos pôr em prática."

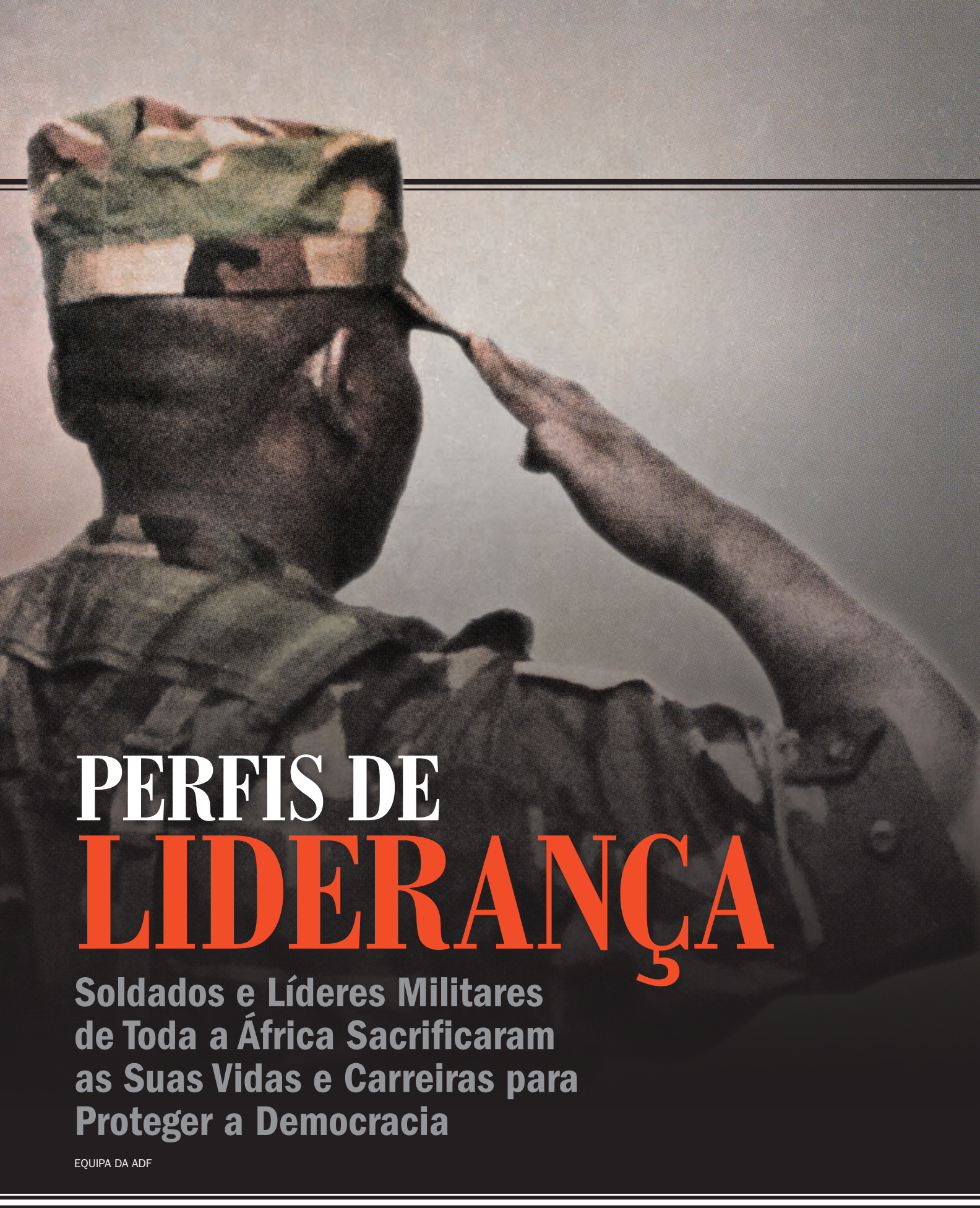
A manutenção da paz também expõe os pacificadores ganeses a novas ideias sobre ser soldado, como "combater insurgentes, mas também normas internacionais sobre os direitos humanos," disse um Tenente-Coronel. A manutenção da paz mudou os pontos de vista dos soldados ganeses em relação aos golpes e à guerra, devido à exposição aos efeitos que os conflitos tiveram nas sociedades para onde eles são destacados. Nas palavras do veterano de múltiplas missões: "A guerra é difícil. É algo que não se deseja para o seu próprio país." A arena da manutenção da paz é, desta forma, um fórum para ganhar conhecimentos militares vitais, entendimento e experiência social. Isso contribuiu para moldar o profissionalismo do exército ganês, expondo os soldados à forma como os outros exércitos são geridos.

REPLICAR O MODELO DO GANA

O exército ganês passou por uma turbulência no seu período pós-independência devido ao seu envolvimento em golpes e na política. Estas actividades diminuíram a sua disciplina e puseram em causa o profissionalismo militar. Para ressuscitar a instituição, o exército iniciou um conjunto de medidas importantes, como a ênfase nos valores do soldado, a criação da filosofia da face humana e os destacamentos para a manutenção da paz. Algo fundamental em todas estas medidas foi a acção de atrair pessoal formado para o exército. Não existe um guião para a transformação de um exército para deixar de ser um que viola os direitos dos cidadãos e participa em golpes para ser uma força de combate profissional. Mas a experiência do Gana demonstra que um exército deve investir no recrutamento, ensino e desenvolvimento dos seus soldados. Isso permitiu a criação de uma cultura que procura servir o seu país em vez de abusar dele. ❑

ADRIENNE NORMAN

SOBRE O AUTOR: Humphrey Asamoah Agyekum, Ph.D., é um pesquisador de pós-doutoramento do Departamento de Ciências Políticas, da Universidade de Copenhaga, Dinamarca, onde trabalha em segurança marítima e gere o projecto "Analisando a (In)segurança Marítima no Golfo da Guiné." Ele é o autor de "From Bullies to Officers and Gentlemen: How Notions of Professionalism and Civility Transformed the Ghana Armed Forces (De Agressores a Oficiais e Cavalheiros: Como as Noções de Profissionalismo e Civismo Transformaram as Forças Armadas do Gana)."



PERFIS DE LIDERANÇA

Soldados e Líderes Militares de Toda a África Sacrificaram as Suas Vidas e Carreiras para Proteger a Democracia

EQUIPA DA ADF

ILUSTRAÇÃO DA ADF

Soldado raso malawiano Chancy Chitete NAÇÕES UNIDAS

Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres, profere um discurso durante uma cerimónia de homenagem ao soldado de manutenção da paz, o Soldado Raso Chancy Chitete, em Maio de 2019. À direita está a viúva de Chitete, Lachel Chitete Mwenechanya.
ESKINDER DEBEBE/NAÇÕES UNIDAS

O cabo tanzaniano, Ali Khamis Omary, estava a servir na missão de manutenção da paz das Nações Unidas na República Democrática do Congo, a procurar impedir a propagação do Ébola. Ele e os seus colegas tinham sido enviados para o leste do país numa missão conjunta com os soldados de manutenção da paz provenientes do Malawi.

Os rebeldes atacaram Omary e outros soldados de manutenção da paz, no dia 14 de Novembro de 2018. Ele foi alvejado na perna e o soldado raso malawiano, Chancy Chitete, correu para ajudá-lo, administrando primeiros socorros para salvar a sua vida.

Chitete arrastou Omary para um lugar seguro, apesar do fogo inimigo, mas ele foi alvejado e morto no processo.

Graças a acções de Chitete, descrito pelo Secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, como "um verdadeiro herói," os soldados de manutenção da paz obrigaram com sucesso os rebeldes a saírem das suas fortalezas, possibilitando que as Nações Unidas continuassem a trabalhar para erradicar o Ébola na região. "Ele pessoalmente fez a diferença — uma diferença profunda," disse Guterres.

Em Maio de 2019, a ONU homenageou Chitete numa cerimónia em Nova Iorque, onde a sua família recebeu a Medalha do Capitão Mbaye Diagne pela sua coragem excepcional. É a homenagem mais elevada da manutenção da paz da ONU.

Existem muitos exemplos como estes de profissionalismo militar, devoção ao trabalho e coragem em combate. Existem histórias de soldados de manutenção da paz que se recusaram em abandonar as pessoas a quem tinham sido atribuídos a tarefa de proteger, líderes que se recusaram a participar em golpes militares e soldados que deixaram as armas apenas porque respeitam os líderes que os ordenaram a fazê-lo.

Esses são soldados que sabem que os seus países são melhor servidos por um governo civil e não um governo militar. São soldados que acreditam na democracia e no Estado de Direito e conhecem o valor da vida humana.

DEVER DE PROTEGER

O Capitão Mbaye Diagne, cujo nome está no prémio das Nações Unidas que Chitete recebeu, foi um homem como esses. Em 1994, depois do assassinato do presidente do Ruanda, os soldados da guarda presidencial torturaram e mataram a Primeira-Ministra, Agathe Uwilingiyimana, o marido e 10 soldados de manutenção da paz belgas. Extremistas Hútus tomaram o poder e começaram a levar a cabo um genocídio, matando membros da minoria Tutsi e alguns Hútus politicamente moderados.

Como soldado de manutenção da paz da ONU, Mbaye ouviu falar dos assassinatos. O capitão senegalês foi investigar e descobriu cinco filhos da primeira-ministra escondidos. Mbaye escondeu as crianças debaixo de mantas na sua viatura e levou-as para a segurança de um hotel de Kigali, que servia como um edifício da ONU.

O genocídio durou 100 dias, com mais de 800.000 ruandeses mortos. Escondendo-as na sua viatura, Mbaye, a trabalhar sozinho, começou a resgatar pessoas das garras dos assassinos que andavam pelas ruas. Como observador da ONU, ele sempre andava desarmado.

A ONU tinha regras que proibiam que os seus observadores resgatassem civis, mas Mbaye sabia que as circunstâncias exigiam medidas extraordinárias. Nas suas missões de resgate, ele podia transportar até cinco pessoas debaixo das mantas na parte traseira da sua viatura. Passou por dezenas de pontos de controlo em cada viagem.

Mas nunca foi apanhado. Duas semanas antes da data marcada para o seu regresso ao Senegal, ele estava a conduzir para a sede da ONU quando uma cápsula de um morteiro atingiu o seu jeep. Estilhaços atingiram-no na nuca, matando-o. Ele tinha 36 anos de idade.

Em 2014, as Nações Unidas criaram o prémio em sua homenagem. A ONU pensou em 10 pessoas para receberem o prémio antes de decidir que o primeiro devia ir para a família de Mbaye.

No dia 19 de Maio de 2016, o então Secretário-Geral da ONU, Ban Ki-moon, presenteou a viúva de Mbaye, Yacine Mar Diop, e os seus dois filhos com o prémio inaugural.

O jornalista Mark Doyle descreveu Mbaye em termos simples. O grande soldado senegalês foi "o homem mais corajoso que eu já conheci."

CESSAR-FOGO RELUCTANTE

Na guerra contra o apartheid na África do Sul, Nelson Mandela foi o rosto e o diplomata do movimento, enquanto Chris Hani foi o seu general militar. Por causa da sua inteligência e educação, Hani era considerado como sendo alguém que era superado apenas por Mandela em termos de popularidade entre as forças anti-apartheid. Ele era admirado particularmente pela sua insistência para que as mulheres do movimento fossem tratadas com igualdade.

Yacine Mar Diop e a sua filha Coumba olham para as fotografias do marido de Yacine, Mbaye Diagne, um jovem capitão senegalês que salvou muitas pessoas durante o genocídio ruandês.

AFP/GETTY IMAGES

Líder militar anti-apartheid, Chris Hani, saúda durante um comício. Hani foi decisivo no cessar-fogo que ajudou a acabar com o apartheid e foi assassinado em 1993. REUTERS

Capitão Mbaye Diagne, do Senegal, morreu quando protegia civis durante o genocídio de 1994, em Ruanda.

Hani orquestrava ataques diários contra empresas e era responsável pela guerra de guerrilha que eventualmente obrigou o governo sul-africano a optar pela mesa das negociações. No dia 7 de Agosto de 1990, depois de 14 horas de conversações entre o governo da África do Sul e os líderes do Congresso Nacional Africano, Mandela anunciou que todos os ataques deviam cessar imediatamente para que uma nova Constituição pudesse ser elaborada.

Hani acreditava que o cessar-fogo era prematuro e enfrentou o dilema moral de continuar as rusgas ou obedecer ao seu comandante em chefe não oficial.

Em entrevistas sem data depois do cessar-fogo, Hani não se desculpou do seu desejo de continuar a lutar.

"Não dormi quando a nossa delegação ficou trancada nas negociações e, quando a decisão veio, apeteceu-me chorar," contou ele. "Fiquei profundamente amargurado de que a decisão tinha sido tomada sem consultar aqueles de nós que estávamos envolvidos no lado físico da luta. Mas, como um soldado disciplinado, aceitei. Quando mais tarde me foi explicado de que era importante para manter a dinâmica das negociações, aceitei ser dominado."

A paz relativa que veio depois não teria sido possível sem a cooperação de Hani. Ele foi tão crucial para o fim do apartheid quanto Mandela.

Hani foi assassinado no dia 10 de Abril de 1993, fora da sua casa. Os dois homens condenados pelo homicídio afirmaram estar a agir sob ordens do Partido Conservador da extrema-direita.

MANTER-SE FIEL À CONSTITUIÇÃO

Quando o presidente malawiano, Bingu wa Mutharika, morreu de forma inesperada, vítima de um ataque cardíaco, no dia 5 de Abril de 2012, os líderes políticos decidiram manter a morte em segredo enquanto procuravam por formas de bloquear a Vice-Presidente Joyce Banda de assumir a presidência.

General do Exército Henry Odillo faz a entrega da espada presidencial à presidente malawiana, Joyce Banda, na sua cerimónia de investidura, em 2012. INTER PRESS SERVICE

Banda já não era muito aceite no seio da administração antes da morte do presidente. Mutharika tinha delegado algumas das suas tarefas à sua primeira-dama e queria que o seu irmão o sucedesse quando eventualmente deixasse o cargo. Houve uma resistência considerável na administração à noção de uma mulher algum dia tornar-se presidente.

Os oponentes de Banda pediram que o exército agisse e a impedissem de assumir o poder. O General Henry Odillo, comandante das Forças de Defesa do Malawi, recusou-se, dizendo que era obrigado pela constituição a apoiar Banda. Ele disse que qualquer outro governo seria ilegal. Deu o passo adicional de colocar tropas

Uma soldado malawiana vota durante as eleições gerais, em Lilongwe. Apesar da pressão, o exército recusou-se a interferir no processo político do país.

AFP/GETTY IMAGES

O então Chefe das Forças de Defesa Popular do Uganda, General Katumba Wamala, no centro, reúne-se com os soldados da República Democrática do Congo, em 2014. Katumba não permitiu que os seus soldados se envolvessem na política.

AFP/GETTY IMAGES

General Henry Kwami Anyidoho, reformado, do Gana, foi o comandante-adjunto da força da Missão de Assistência da ONU no Ruanda, durante o genocídio de 1994. Apesar das ordens para encerrar a missão, o contingente ganês escolheu ficar para tentar salvar vidas. CITITV

estacionadas ao redor da casa de Banda. Dois dias depois, Banda foi investida como presidente.

"Não se pode imaginar o que poderia ter acontecido no Malawi se o exército tivesse sucumbido à oferta imprudente de tomar o poder," disse a zambiana Brigadeiro-General Joyce Ng'wane Puta, de acordo com um relatório do Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS).

Dois anos depois, numa disputa entre Banda e os seus oponentes políticos, começou a circular uma informação de que o exército iria tomar o poder num golpe contra ela. Odillo rapidamente emitiu um comunicado em apoio à Banda e ordenou que as suas tropas permanecessem nos seus quartéis até que a crise fosse resolvida.

Peter Mutharika derrotou Banda nas eleições presidenciais de 2014. Odillo foi rapidamente substituído como chefe do Estado-maior. Desde essa altura, ele foi julgado sob acusação de corrupção, mas o seu acto de manter-se fiel à Constituição ainda é considerado como um exemplo brilhante de profissionalismo militar.

NENHUMA POLÍTICA NO SEIO DO EXÉRCITO

In 2015, o partido no poder, do veterano presidente ugandês, Yoweri Museveni, o Movimento da Resistência Nacional, foi acusado de tentar intimidar os líderes da oposição, incluindo ameaças de violência. Houve relatos de alguns líderes da oposição de estarem a formar as suas próprias milícias para se protegerem.

Um dos oficiais do partido no poder disse que as pessoas que se opusessem aos resultados das próximas eleições presidenciais de 2016 seriam fuziladas.

O General Katumba Wamala, então comandante das Forças de Defesa Popular do Uganda, não aceitou cumprir com isso. Ele anunciou que a política não seria tolerada no seio dos seus soldados. O ACSS disse que Wamala emitiu uma ordem, afirmando que "todos os oficiais do exército são avisados a não se atreverem a envolver-se na política e qualquer um que infringir a lei receberia o seu tratamento."

Mais tarde, ele disse que a tarefa dos seus soldados era de preservar a paz e possibilitar que a população exerça o seu direito de voto. Disparar contra civis, disse ele, não fazia parte da sua missão. "Não existe nada tão importante quanto a paz," disse.

Acredita-se que a reputação de Wamala como um homem de elevados padrões e uma intolerância para interferência política tenha acalmado o clima político daquele tempo, fazendo com que houvesse um período pós-eleições, em termos gerais, pacífico.

OS SALVADORES GANESES

Durante o genocídio do Ruanda, em 1994, o governo belga decidiu que as tropas da Missão de Assistência das Nações Unidas no Ruanda estavam em perigo. A Bélgica disse ao general canadiano, Roméo Dallaire, comandante da missão, que as tropas se arriscavam a serem atacadas por combatentes ruandeses assim como pelos Interahamwe, uma organização paramilitar Hútu, que era a principal causadora das matanças.

Dallaire instruiu o general ganês, Henry Kwami Anyidoho, comandante-adjunto das forças, a encerrar a missão para evitar quaisquer confrontos com os dois grupos. Anyidoho contestou, dizendo que estava determinado a manter todos os 454 soldados do contingente ganês no lugar, protegendo o maior número possível de ruandeses.

"Eu nem sequer tinha pedido permissão de casa quando lhe disse que iriamos ficar," disse Anyidoho à Al-Jazeera, em 2014. "Não tínhamos alternativa. Não podíamos abandonar estas pessoas."

Dallaire estima que por ficarem naquele ponto, os soldados de manutenção da paz ganeses ajudaram a salvar cerca de 30.000 vidas.

"O seu país demonstrou a coragem que muitos outros eram absolutamente incapazes de ter diante de tamanha catástrofe," disse Dallaire à Al-Jazeera. "Muitos fugiram, mas os ganeses ficaram."

"O cerne da questão é, para eu ter sido capaz de ficar e fazer qualquer coisa que seja, foi pelo facto de os ganeses e o General Anyidoho terem ficado lá," acrescentou Dallaire. ❑

PARA O BEM COMUM

A Comissão do Oceano Índico Ajuda os Países Insulares de África a Combaterem o Crime Marítimo

ILUSTRAÇÃO DA ADF

EQUIPA DA ADF

O Baba Ali, uma embarcação de pesca das Seychelles, estava a passar pela zona económica exclusiva (ZEE) do país quando as autoridades a interceptaram em Maio de 2021.

Através de uma operação coordenada pela Força Aérea das Seychelles, a Guarda Costeira das Seychelles e o seu Centro Nacional de Partilha de Informação e Coordenação, as autoridades entraram a bordo e fizeram a inspecção da embarcação. O que encontraram – heroína e haxixe avaliados em cerca de 1,2 milhões de dólares – demonstra a magnitude da ameaça regional de tráfico.

A captura das drogas e a apreensão de três seichelenses e quatro cidadãos indonésios demonstraram que os esforços daquele país insular para reforçar a segurança marítima estavam a funcionar, Ministro das Pescas das Seychelles, Jean-François Ferrari, disse durante uma conferência de imprensa.

"Com a ajuda das informações colhidas, fomos capazes de levar a cabo uma operação nesta embarcação e os colocamos nas mãos das forças policiais," disse Ferrari. "Não serei capaz de entrar em pormenores, visto que este é um caso policial, mas de acordo com as informações que recolhemos, a quantidade total de drogas a bordo do Baba Ali era três vezes maior do que aquilo que recolhemos, visto que uma parte desapareceu no Oceano Índico."

ILUSTRAÇÃO DA ADF

Um arquipélago com cerca de 1.800 quilómetros a nordeste de Madagáscar, as Seychelles são compostas por 115 pequenas ilhas, fazendo com que as suas águas sejam difíceis de policiar. O mesmo ocorre com outros países insulares do Oceano Índico Ocidental, incluindo as Ilhas Comores, Madagáscar, Ilhas Maurícias e o departamento francês, Ilha da Reunião.

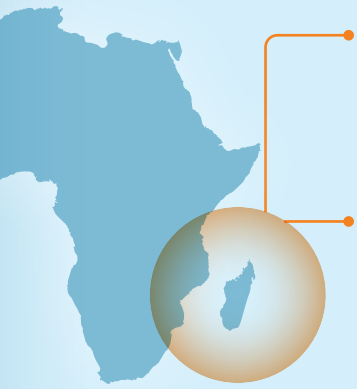
Nos últimos 25 anos, contudo, os países insulares melhoraram gradualmente a

Marinheiros das Ilhas Comores preparam-se para entrar a bordo de uma embarcação durante um exercício de treino, em Djibouti.

SGT. DA EQUIPA AMY PICARD/FORÇA AÉREA DOS EUA

Em Termos Numéricos:

Comércio de Drogas no Oceano Índico Ocidental



40 toneladas
de heroína são traficadas através desta região anualmente.

5 toneladas
ficam nos locais de desembarque de África, incluindo os pequenos países insulares do continente e próximos do Canal de Moçambique.

5% a 10% da população das Seychelles de cerca de 98.000 habitantes consome heroína. O arquipélago tem a maior taxa de consumo per capita de heroína a nível do mundo.

30% do tráfico global de petroleiros passa pelo Canal de Moçambique anualmente.

430 a 450 toneladas
de heroína entram no mercado mundial anualmente.

Fontes: Enhancing Africa's Ability to Counter Transnational Crime, Global Initiative Against Transnational Organized Crime, Randox Toxicology, Gabinete das Nações Unidas Contra a Droga e o Crime

ILUSTRAÇÃO DA ADF

Um homem seichelense recebe metadona para tratar a sua dependência de heroína. As Seychelles apresentam a maior taxa per capita de consumo de heroína do mundo.

AFP/GETTY IMAGES

segurança marítima através da participação como membros da Comissão do Oceano Índico (IOC), que os ajudou a aumentar a cooperação das agências da lei, a partilha de informações e a coordenação em todas as fronteiras para combater a criminalidade marítima.

A comissão é a única organização intergovernamental composta exclusivamente por Estados insulares. A União Europeia (EU) financia os seus esforços de segurança marítima em África.

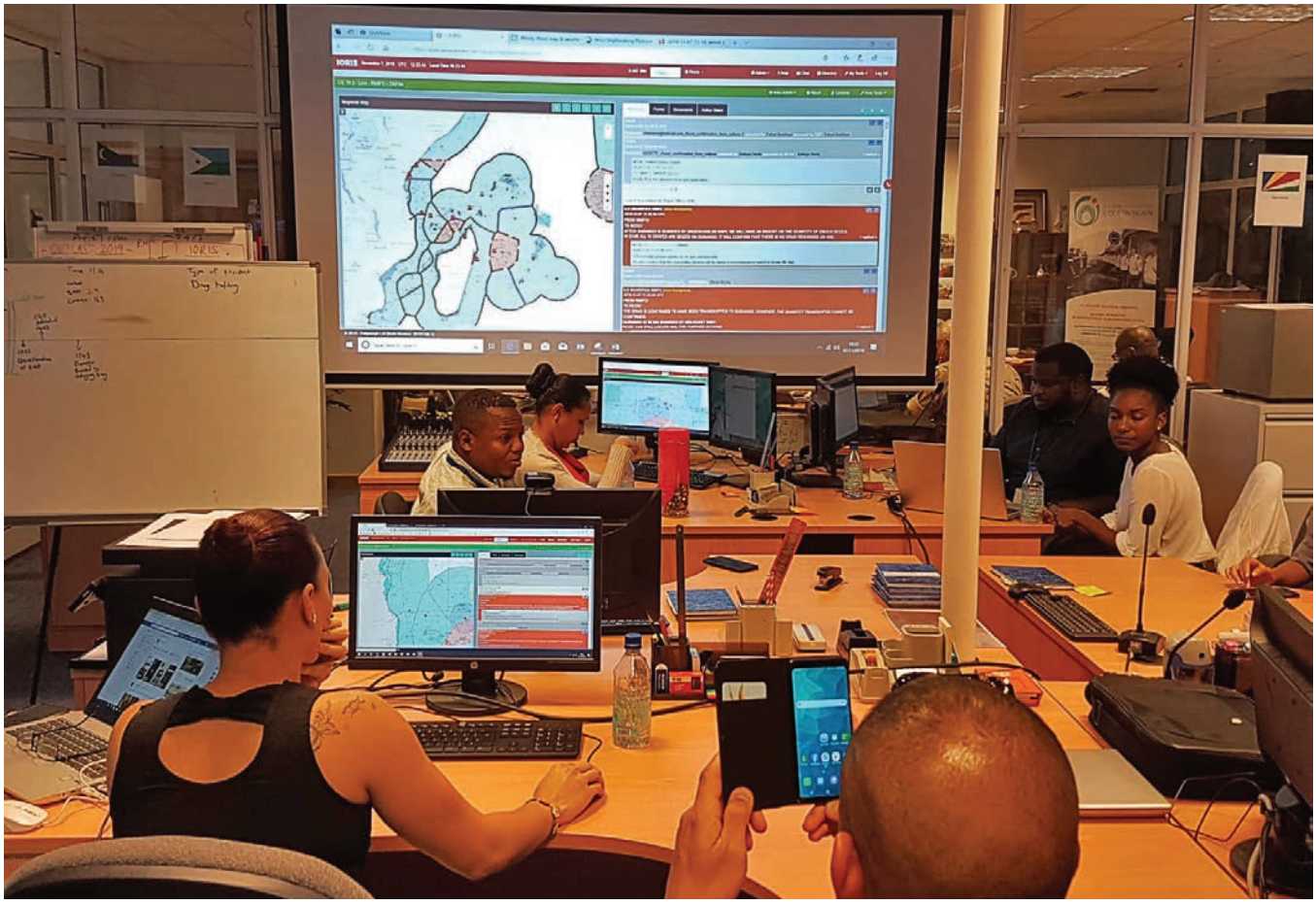
Uma Grande Rota de Drogas

Os países insulares encontram-se numa notável faixa do Oceano Índico Ocidental que, durante décadas, foi uma rota de trânsito de drogas. Outras questões marítimas da região incluem a pesca ilegal, não declarada e não regulamentada; a pirataria e os raptos; assim como o tráfico de armas, seres humanos e produtos provenientes da fauna bravia.

Os desafios da segurança marítima da região causaram consequências sociais graves. As Seychelles possuem a maior taxa per capita de consumo de heroína no mundo. Os outros Estados insulares da região enfrentam desafios semelhantes, incluindo um fluxo de entrada de cocaína, cannabis, cannabis sintética, ecstasy e metanfetamina.

"O consumo per capita [de heroína] nas Seychelles e nas Maurícias é uma loucura," Yann Yvergniaux, analista sénior da Trygg Mat Tracking, uma organização sem fins lucrativos que fornece inteligência pesqueira a países e organizações, disse à ADF. "Tantas drogas são enviadas que uma parte dela acaba no mercado local. Algumas pessoas envolvidas no comércio usam as drogas para fins recreativos. É horrível. Nas Seychelles, alguns proprietários de barcos de transporte de carga disseram-me que já não podem encontrar mais jovens para fazerem parte da tripulação, porque todos andam envolvidos nas drogas."

As ilhas encontram-se no e próximo do Canal de Moçambique — uma via navegável de 1.600 quilómetros entre Madagáscar e a África Oriental, a qual é responsável por cerca de 30% do tráfico global de navios petroleiros. As vias navegáveis são a rota principal para o envio de heroína para a



Agentes das pescas participam num exercício de treino de segurança marítima, em Madagáscar.

CENTRO DE OPERAÇÕES DE COORDENAÇÃO REGIONAL

Europa Ocidental a partir do Afeganistão, passando pelo Paquistão.

As Ilhas Comores estão próximas do centro do limite norte do canal, e a Ilha da Reunião e as Ilhas Maurícias encontram-se a leste da linha costeira de Madagáscar, de 4.800 quilómetros.

A quantidade da heroína capturada na rota de tráfico do Oceano Índico foi mais do que o dobro entre 2018 e 2019, de acordo com os Escritórios das Nações Unidas sobre Drogas e o Crime. O tráfico de produtos provenientes da fauna bravia também aumentou devido à pobreza generalizada e ao aumento da procura de animais exóticos no estrangeiro.

O envolvimento da IOC na segurança marítima da região começou no início da década de 1980 quando a cocaína e a heroína se tornaram na principal fonte de rendimentos para os traficantes. A comissão criou gradualmente uma rede de agências de pescas e de controlo que trocam informações e realizam inspecções conjuntas no mar.

"Mesmo que uma [embarcação suspeita] esteja nas águas da zona económica exclusiva de um país, o inspector pode ser de um outro país," Raj Mohabeer, o encarregado da missão da IOC, disse à ADF. "Desta forma, os países vizinhos cooperam."

Um 'Sentido de Identidade Regional'

As inspecções tipicamente são iniciadas quando os Estados vizinhos partilham informações como a licença e o histórico de inconformidade da embarcação.

A IOC colabora com os órgãos regionais como a Autoridade Intergovernamental sobre o Desenvolvimento, a Comunidade da África Oriental e o Mercado Comum da África Oriental e Austral, nos termos do Programa de Segurança Marítima financiado pela União Europeia.

"Isso tem sido feito pela IOC mas também através da FISH-i Africa, que é um mecanismo que até bem pouco tempo basicamente fazia a monitoria e a vigilância dos Estados insulares, mas [também inclui] Quénia, Somália e outros Estados, fazendo a troca de informações," disse Yvergniaux.

Yvergniaux, um antigo analista financeiro da IOC, acrescentou que um "sentido de identidade regional" entre os Estados insulares menores coloca-os "no curso da cooperação regional antes de outros Estados do continente."

Um membro das Forças Armadas Populares de Madagáscar acompanha um detido durante um evento de treino de simulação do Cutlass Express, em Pemba, Moçambique.

SUBOFICIAL DE PRIMEIRA CLASSE KYLE STECKLER/MARINHA DOS EUA

Até 2019, nas Seychelles, o Centro Regional de Operações de Coordenação (RCOC, sigla inglesa) que, na essência, realiza acções de controlo de cumprimento da lei de forma conjunta no mar, estava a trabalhar arduamente com o Centro de Fusão de Informação Marítima Regional, com sede em Madagáscar, que partilha informação marítima e alerta o RCOC de actividades suspeitas no mar.

Através dos centros criados pela IOC, sete países assinaram acordos para a troca e partilha de informação marítima e participar em acções conjuntas nas águas: Comores, Djibouti, Quénia, Madagáscar, Ilhas Maurícias, Ilha da Reunião e as Seychelles.

"Estamos nas primeiras fases da criação de uma arquitectura para a segurança marítima que irá fazer a monitoria de todas as embarcações na região da IOC e analisar o comportamento e a identificação das embarcações de interesse," disse Mohabeer. "Se uma embarcação de interesse for o que precisamos de verificar, nós fazê-lo. Estamos nos primeiros estágios da criação do sistema, mas já alcançamos muito. Infelizmente, a COVID-19 veio no ano passado e prejudicou o nosso progresso."

A IOC continua a encorajar os países costeiros da África Oriental a aderirem.

"Fazemos isso porque estamos a falar de bens comuns como o oceano, mas o que se vê a nível mundial?" questionou Mohabeer. "Poucas pessoas olham para o bem comum como algo que tivessem de ter em conta. É necessário trabalhar para o bem comum."

Apesar dos esforços da IOC, a criminalidade marítima na região não demonstra sinais de redução. De acordo com uma pesquisa da ENACT — Melhorar a Capacidade de África para Combater o Crime Marítimo Transnacional — aproximadamente 40 toneladas de heroína são movimentadas pela região anualmente e 5 toneladas ficam em locais de desembarque.

Em Abril de 2021, a autoridade de Controlo de Drogas e de Cumprimento da Lei e a Força de Defesa Popular da Tanzânia capturaram uma tonelada de heroína de uma embarcação que navegava no Oceano Índico Ocidental bem a norte de Moçambique, noticiou o jornal The East African. Sete pessoas foram presas.

Mais tarde, nesse mesmo mês, as autoridades tanzanianas apreenderam 270 quilogramas de heroína de um nigeriano e dois cúmplices tanzanianos que traficavam a droga por via marítima. Um mês antes, duas pessoas foram condenadas à prisão perpétua por traficarem para dentro do país 275,40 gramas de hidroclorato de heroína na Tanzânia, noticiou o jornal.

Membros das Forças Armadas Populares de Madagáscar preparam-se para realizar um exercício de visita, abordagem, busca e captura, durante o exercício Cutlass Express, em Pemba, Moçambique.

SUBOFICIAL DE PRIMEIRA CLASSE KYLE STECKLER/MARINHA DOS EUA

Um Modelo para a África Continental

Um relatório de 2021, do Instituto de Estudos de Segurança, argumenta que os esforços da IOC para melhorar a segurança marítima nos países insulares pode servir de modelo para que outros países africanos possam seguir.

A partilha de informação marítima e as patrulhas conjuntas demonstraram algum sucesso no Golfo da Guiné, onde o flagelo da pesca ilegal, não declarada e não regulamentada está a esgotar rapidamente as unidades populacionais de peixe da África Ocidental e já provocou o aumento dos ataques de piratas. A região representou 130 dos 135 sequestros marítimos a nível mundial em 2020.

As autoridades formaram a Força-Tarefa da África Ocidental do Comité das Pescas do Centro-Oeste do Golfo da Guiné, em 2015, para combater a pesca ilegal na região. Os países participantes são Benin, Costa do Marfim, Gana, Libéria, Nigéria e Togo.

A força-tarefa está a "trabalhar na mesma base de partilha de informações sobre as licenças," conforme disse Yvergniaux, da IOC. "Isso é ainda muito novo. As patrulhas conjuntas não estão a acontecer agora, mas estão a aprender.". ❑

UNINDO ESFORÇOS NA ÁGUA E NO AR

EQUIPA DA ADF

A Aeronave da Força Aérea Real Marroquina e a Transportadora da Marinha dos EUA, Air Wing 3, sobrevoaram a transportadora de aeronaves de classe Nimitz, USS Dwight D. Eisenhower, no Oceano Atlântico, no dia 3 de Março de 2021, durante o exercício Lightning Handshake. O Eisenhower, cujo nome foi atribuído em homenagem ao antigo presidente dos EUA, apelidado de "Ike," é o principal do IKE Carrier Strike Group (IKE CSG), que participou no exercício. O propósito do treino era de melhorar a habilidade dos EUA e de Marrocos de operarem em conjunto em múltiplas áreas de guerra, incluindo a guerra de superfície, anti-submarino e de ataque aéreo; apoio logístico combinado; e operações de interdição marítima.

"Em nome dos marinheiros destacados para o IKE CSG, é uma honra participar neste exercício marítimo bilateral e histórico, que marca os 200 anos de uma parceria duradoura com o Marrocos," disse o Contra-Almirante Scott Robertson, que comanda o Carrier Strike Group Two. "Exercícios como o Lightning Handshake melhoram o fundamento da nossa interoperabilidade e apoio contínuo do nosso compromisso de longa data para com a segurança da região."

Um F/A-18E Super Hornet dos EUA, à direita, reabastece um F-5E Tiger II, da Força Aérea Real Marroquina durante o Lightning Handshake.

COMANDO DOS ESTADOS UNIDOS PARA ÁFRICA

COMANDO DOS ESTADOS UNIDOS PARA ÁFRICA

‘ASSUNTO DE TODOS’

REFORMA DO SECTOR DE SEGURANÇA DA SERRA LEOA ENFATIZA A INCLUSÃO

EQUIPA DA ADF

Enquanto ocorria uma guerra civil brutal na vizinha Libéria, em 1991, a corrupção e as fraquezas do governo da Serra Leoa, já de longa data, empurravam o país cada vez mais próximo da catástrofe. Quando as forças da Frente Patriótica Nacional da Libéria (NPFL, sigla inglesa), de Charles Taylor, atravessaram a fronteira naquele mês de Março, a Serra Leoa em pouco tempo viu-se debaixo de ataques em duas frentes.

Enquanto o seu exército batalhava contra a NPFL, a Serra Leoa também esteve debaixo de ataques da Frente Revolucionária Unida (FRU), um grupo de guerrilha rebelde, bem armado e com bons recursos financeiros, liderado por Foday Sankoh, um antigo cabo do exército que encontrou uma causa comum com os liberianos invasores. A guerra civil tinha chegado a Serra Leoa.

O exército nacional mal equipado, enfraquecido pela corrupção institucional e com uma economia precária, foi incapaz de acabar com a FRU. Até 1994, a FRU controlava as minas lucrativas de diamante e ameaçava a capital, Freetown. Em 1997, um grupo denominado Conselho Revolucionário das Forças Armadas tinha-se juntado ao campo de batalha.

Os complicados confrontos continuaram por muitos anos e incluíram algumas das mais notáveis brutalidades da guerra moderna quando as tropas governamentais e os rebeldes mutilaram civis. O governo contratou uma empresa de segurança privada para ajudar a virar o jogo. Mesmo assim, as lutas continuaram por muito mais anos. Seria necessária uma intervenção internacional das forças das Nações Unidas, britânicas e guineenses a lutarem juntamente com o exército da Serra Leoa para acabar com o conflito, em 2002, depois de impedir que a FRU tomasse a capital. Os 11 anos de guerra civil deslocaram 500.000 pessoas e causaram a morte de outras 50.000.

Se calhar nenhum outro país já esteve em maior necessidade de uma reforma do sector de segurança (RSS) do que a Serra Leoa, depois do seu conflito punitivo. A guerra deixou expostas todas as fraquezas, negligências e deficiências de um exército nacional incapaz de responder de forma eficaz e profissional às ameaças de segurança e proteger as suas fronteiras. Depois da guerra, o país desarmou 72.490 combatentes, desmobilizou 71.043 e reintegrou 63.545, incluindo 6.845 crianças combatentes, de acordo com a Rede Global de Facilitação para a RSS.

O processo de RSS pós-guerra do país serviu de exemplo positivo para outros países que saíam de conflitos e se deparavam com a necessidade de reconstruir os sectores de segurança nacionais. Uma revista da ONU declarou que “a experiência da Serra Leoa não é apenas uma grande realização nacional, mas também um modelo brilhante no qual os países da África Ocidental e do Sahel podem se inspirar.”

Agentes da Unidade Policial Formada na Serra Leoa chegam a Kismayo, Somália, em apoio à Missão da União Africana na Somália. AMISOM

TRANSFORMAÇÃO EM VEZ DE REFORMA

A RSS provavelmente é melhor quando vai além de uma mera reforma para uma transformação total, de acordo com um artigo de Sarah Detzner, intitulado "Reforma moderna pós-conflito do sector de segurança em África: Padrões de sucesso e fracasso," publicado na revista African Security Review. O esforço deve ser inclusivo e deve enfatizar o controlo civil e constitucional bem como "promover o profissionalismo, melhorar a utilização dos recursos e a eficiência operacional."

O sucesso da Serra Leoa parece comprovar o valor de ter em consideração a população em geral e focalizar-se numa segurança mais abrangente, através do desenvolvimento económico e da criação de capacidade da polícia em vez de um foco mais tradicional sobre os exércitos nacionais, escreveu Detzner.

Esta abordagem foi enfatizada pelo Brigadeiro-General na reforma, Kellie Hassan Conteh, que trabalhou na RSS da Serra Leoa como director do secretariado do Conselho de Segurança Nacional, agora como Ministro de Defesa daquele país. Num painel de debate de 2010 sobre a RSS na África Ocidental para o Centro de Controlo Democrático das Forças Armadas de Genebra, Conteh partilhou alguns pormenores da abordagem da Serra Leoa.

Quando começou o processo, os líderes olharam para a história do país e tiveram em conta vários pontos de grande interesse.

Primeiro, os oficiais queriam redefinir a segurança. Até àquele momento, o sector de segurança da Serra Leoa era essencialmente um vestígio da era colonial, através do qual o exército existia principalmente para proteger o regime no poder. Até ao momento da e durante a guerra civil, contou Conteh, a população pensava que o exército e a polícia a tinham desiludido e que não havia acesso à justiça.

"Por isso, nós queríamos olhar para ela de forma holística," disse Conteh num painel de debate. "O que queremos realmente dizer com segurança?"

Os oficiais perguntaram à população, não aos tecnocratas. "A definição que obtivemos deixou o exército particularmente chocado, porque compreenderam que tinham um pequeno ou nenhum papel a desempenhar," disse Conteh. "A maior parte do que realmente precisávamos ver eram questões internas, por conseguinte, precisávamos de uma força policial forte e não um exército forte. O exército, sim, deve existir caso a polícia, por vezes, queira solicitar os seus serviços."

Resumindo, "a nossa conclusão ali foi que a nossa segurança era assunto de todos," disse Conteh. "Todos nós temos um papel a desempenhar."

A IMPORTÂNCIA DA INTELIGÊNCIA

A Serra Leoa compreendeu que as lacunas da inteligência eram um grande problema. Antes da guerra civil, o aparelho da inteligência nacional apenas protegia o governo em exercício. Durante

Um rapaz passa por um tanque abandonado no leste da Serra Leoa, anos depois da guerra civil brutal que assolou o país. REUTERS

Tropas serra-leoninas fazem patrulha próximo de Kismayo, Somália, como parte da missão de manutenção da paz da União Africana, em Setembro de 2013. EQUIPA DA UA-ONU PARA O APOIO À INFORMAÇÃO

A rebelde Frente Revolucionária Unida e combatentes da milícia pró-governamental registam-se e entregam as suas armas no local de desarmamento, desmobilização e reintegração, em Lunsar, Serra Leoa, 50 milhas a leste de Freetown, em Julho de 2001.

AFP/GETTY IMAGES

a guerra, nenhuma inteligência confiável podia ser produzida. Conteh contou que os oficiais formaram um comité para ajudar a recolher informações úteis e alimentar a cadeia com uma nova arquitectura inclusiva que até envolvia entidades locais, como chefes de clãs, mulheres, grupos da sociedade civil e líderes juvenis.

No passado, disse, as pessoas estavam condicionadas a olhar para a segurança como "um assunto do governo." Mudar esta forma de pensar — "democratizar" a segurança humana — ajudou a Serra Leoa a abordar problemas de segurança como o tráfico de armas, drogas e seres humanos.

O Gabinete de Segurança Nacional (ONS, sigla inglesa) da Serra Leoa criou contactos a nível nacional que permitem que civis possam denunciar ameaças, de acordo com Detzner. Estas ligações levaram a que houvesse uma revisão da segurança com um elemento consultivo forte. Os residentes locais comunicaram sobre as preocupações de segurança nas suas regiões, o que fez com que o foco estivesse mais na polícia em relação a mais tradicional capacitação militar.

Apenas gastar dinheiro em formações militares não garante uma boa RSS. Na verdade, pode funcionar contra a verdadeira reforma. Uma publicação de um blog de Outubro de 2020, feita por John Campbell para o Conselho de Relações Exteriores, destaca um ponto importante sobre uma RSS eficaz: focalizar-se na formação e equipamento à custa de reformas institucionais não resolve o problema.

Um foco como este arrisca-se a "fortalecer os sectores de segurança irresponsáveis, corruptos e predadores" e gasta dinheiro em equipamento e materiais insustentáveis, escreveu Campbell. Pelo contrário, uma abordagem holística que se centra nas instituições possui mais potencial para a durabilidade.

Isso assemelha-se mais ao que aconteceu na Serra Leoa. Os esforços de transformação alcançaram a segurança interna e externa e criaram agências — como o ONS — que ajudou a garantir o fluxo livre de informações de segurança, do nível local ao gabinete do presidente, de acordo com a edição de Julho de 2017 da revista electrónica, UNOWAS, uma publicação trimestral dos Escritórios da ONU para a África Ocidental e o Sahel. Os esforços "deram início à difícil tarefa de contrariar as suspeitas do público sobre as forças de segurança e envolver os cidadãos na sua própria segurança."

"Para o melhor ou para o pior, a guerra agiu como um catalisador para tirar o foco da segurança para longe da ênfase exclusiva nas forças de segurança uniformizadas (exército e polícia), passando a centrar-se na segurança pessoal dos

"AGORA SOMOS PARTICIPANTES DOS ESFORÇOS MUNDIAIS DE CONSOLIDAÇÃO DA PAZ." – Tenente Salieu Sankoh

indivíduos," escreveu Conteh em 2010 no artigo intitulado "Reforma do Sector de Segurança na Serra Leoa 1997–2007: Pontos de Vista da Linha da Frente."

Dentro de cinco anos depois do fim da guerra civil, a Serra Leoa realizou as suas primeiras eleições pacíficas nacionais depois de 20 anos, e os observadores descreveram como sendo "livres, justas e credíveis," disse a ONU. A conduta ordeira da votação foi essencialmente garantida pelas próprias forças de segurança do país.

"Visto no contexto do nível de violência experimentada pelo povo da Serra Leoa durante a guerra civil, que durou 11 anos, o facto de a Serra Leoa ter realizado estas eleições que, em termos gerais, foram livres de violência, apenas cinco anos depois do fim do conflito, é um feito notável," de acordo com a ONU.

O trabalho árduo daquele país na reconstrução das suas instituições de segurança foi validado em Abril de 2013, quando 850 tropas do Contingente da Serra Leoa, Leobat 1, iniciaram o destacamento de 20 meses para a Missão da União Africana na Somália (AMISOM).

O batalhão foi o primeiro do seu género na Serra Leoa desde o fim da guerra civil daquele país. Aquele país da África Ocidental continua a ser o único da sua região a enviar soldados para a componente militar da AMISOM. O país também já enviou pessoal da polícia para servir na Somália.

"Agora somos participantes dos esforços mundiais de consolidação da paz," Tenente Salieu Sankoh, das Forças Armadas da República da Serra Leoa, disse num vídeo da ONU, em 2013. "É claro que, durante os nossos próprios 10 anos de guerra civil, pessoas de vários países vieram apoiar os nossos esforços de consolidação da paz. Agora que temos a oportunidade de retribuir isso, estamos muito felizes." ❑

Um soldado serra-leonino caminha próximo de um helicóptero das Nações Unidas na Ilha de Sherbro, ao largo da costa daquele país, em 2010. REUTERS

SUDÃO TROPEÇA NO SEU LONGO PERCURSO

RUMO À SEGURANÇA

Enquanto o País Sai de Um Governo Autocrático, Muitas Barreiras ao Profissionalismo Militar Persistem

EQUIPA DA ADF | FOTOS: AFP/GETTY IMAGES

O Sudão encontrava-se numa posição promissora depois de livrar-se de 30 anos de um governo brutal e autocrático, em 2019.

Um ditador vicioso tinha sido derrubado, um novo primeiro-ministro estava a falar sobre a formação de um sector de segurança mais profissional e as autoridades civis e militares haviam formado um governo que estava a gatinhar em direcção à democracia.

Contudo, depois de dois anos completos de um ténue governo de transição, a desagradável história da nação interferiu.

Uma sublevação fracassada em Setembro de 2021, levada a cabo pelos soldados leais ao antigo presidente Omar al-Bashir, não foi senão um prenúncio de golpe de Estado um mês depois, quando o exército, liderado pelo General Abdel Fattah al-Burhan, dissolveu o Conselho de Soberania, suspendeu parte da Constituição e colocou o Primeiro-Ministro Abdalla Hamdok e outros em prisão domiciliária.

Em Abril de 2021, Hamdok tinha dito que o Sudão se esforçaria em criar um exército nacional unificado "destacado pelo seu profissionalismo."

Este compromisso e a oportunidade que procura explorar elevou a esperança internacional de que o Sudão pode finalmente escrever uma nova página da sua história conturbada.

Ainda não se sabe se isso irá acontecer.

Unir grupos armados divergentes e seus líderes num quadro comum de segurança que respeite o Estado de direito e os direitos dos cidadãos é uma missão difícil para qualquer país, muito mais ainda para o Sudão.

Apesar dos desafios, a necessidade urgente de o Sudão transformar o seu sector de segurança, afastando-o de um que foi concebido para apoiar um ditador, tem atraído muitas atenções desde que al-Bashir foi derrubado do poder, em 2019.

Antes do golpe, o Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS) patrocinou uma série de cinco webinários, realizados de 1 de Março a 26 de Abril de 2021, subordinados ao tema "Reimaginando o Sector de Segurança do Sudão." Neles, especialistas falaram sobre o papel do sector de segurança nas transições democráticas, nas relações civil-militares do Sudão e sobre a importância de ter uma estratégia nacional de segurança.

A história do Sudão está repleta de violência e instabilidade. O então Brigadeiro-General al-Bashir depôs o governo eleito do Sudão, num golpe militar, em 1989, e governou como presidente do Conselho do Comando Revolucionário para a Salvação Nacional. Ele baniu os partidos políticos, controlou a imprensa e dissolveu o parlamento. Com a ajuda de um extremista muçulmano chamado Hassan al-Turabi, al-Bashir impôs a Sharia, em Março de 1991, uma acção que acentuou as divisões entre o norte e o sul, onde a maior parte das pessoas seguem crenças animistas ou cristãs.

A sua tomada do poder veio em meio a uma Segunda Guerra Civil Sudanesa, um conflito de 22 anos entre o governo central de Cartum e o Exército de Libertação do

Soldados sudaneses reunidos em Cartum, no dia 11 de Abril de 2019, depois de Omar al-Bashir ter sido deposto.

Povo Sudanês. A guerra, que teve início em 1983, levou à eventual separação que resultou na formação do Sudão do Sul como um país independente, em 2011.

In 1993, o Conselho Revolucionário foi dissolvido e al-Bashir tornou-se o presidente do Sudão, embora tenha mantido o governo militar. Nos anos subsequentes, foi confirmado como presidente, numa eleição, levantou a proibição de criação de partidos políticos e virou-se contra o seu antigo aliado, al-Turabi.

Enquanto al-Bashir continuava o seu punho de ferro sobre o país, os rebeldes na região ocidental de Darfur pegaram em armas contra o governo central, em 2003. Al-Bashir respondeu utilizando milícias árabes, notavelmente conhecidos como Janjaweed ("diabos em cavalos"), que atacavam de forma brutal e aterrorizavam civis, apesar da condenação global. Mais tarde, uma missão de manutenção da paz híbrida, da União Africana e das Nações Unidas, interveio para restaurar a ordem e proteger os civis. A missão terminou no dia 1 de Janeiro de 2021.

Anos de sanções e declínio nos rendimentos do petróleo resultante da independência do Sudão do Sul levaram a medidas de austeridade que atingiram pesadamente os civis. Protestos que se centraram em cortes de subsídios do pão e do combustível motivaram as manifestações na região leste que, em pouco tempo, chegaram à capital, Cartum. Depois, os protestos expandiram-se para incluir exigências para a destituição de al-Bashir.

Houve uma manifestação em massa do lado de fora do Ministério de Defesa, que começou no dia 6 de Abril de 2019, em que oficiais militares juniores aderiram quando os oficiais de alta patente se recusaram a dispersar os manifestantes, noticiou o The Washington Post.

Pouco tempo depois, Al-Bashir foi deposto em meio a uma rebelião popular dirigida por uma coligação de médicos, advogados e profissionais de saúde, conhecida como a Associação dos Profissionais Sudaneses.

"Este é possivelmente um novo amanhecer para o Sudão," Rashid Abdi, um analista do Grupo Internacional da Crise, disse ao the Post. "Demonstra que mesmo os mais entrincheirados ditadores são vulneráveis. O futuro é incerto, mas agora existe uma melhor oportunidade para engendrar uma transição viável e inclusiva."

Cidadãos sudaneses celebram do lado de fora do Salão da Fraternidade, em Cartum, onde os generais e líderes dos protestos formalmente assinaram uma histórica constituição de transição, no dia 17 de Agosto de 2019, destinada a preparar o caminho para o governo civil.

O REGIME DE TRANSIÇÃO ASSUME O CONTROLO

Embora a saída de al-Bashir tenha agradado os manifestantes, o mesmo não aconteceu com o tipo de governo que o sucedeu. Depois da destituição de al-Bashir, os líderes militares tomaram o controlo do Conselho Militar de Transição (TMC, sigla inglesa) e declararam um estado de emergência de três meses. Depois de meses de negociações, os oficiais militares e a oposição civil chegaram a um acordo de partilha de poder, em Julho de 2019.

O acordo fez com que o TMC e a Aliança para a Liberdade e Mudança — um grupo que representava os civis pró-democracia — formassem um Conselho de Soberania que serviu como o chefe de Estado. O conselho era constituído por uma mistura de líderes militares e civis.

Os membros do conselho civil nomearam o Primeiro-Ministro, o economista Hamdok, que supervisionava as funções executivas a nível nacional, incluindo cerca de 20 ministérios. Uma terceira componente, o Conselho Legislativo de Transição, era responsável pela legislação e pela supervisão executiva.

O Conselho de Soberania foi criado para governar por 39 meses. Uma pessoa escolhida pelo exército presidia ao conselho nos primeiros 21 meses. Os últimos 18 meses seriam presididos por alguém indicado pelos membros civis, conforme o acordo.

A controvérsia continuou apesar da existência do acordo de transição. Em Maio de 2021, um membro civil do Conselho de Soberania renunciou ao cargo, afirmando que membros militares haviam tomado decisões unilateralmente e haviam utilizado a força contra manifestantes pacíficos, noticiou a Voz da América.

Em Junho de 2021, a Reuters noticiou que o exército do Sudão planificava uma força conjunta para "combater a insegurança" enquanto as tensões económicas e regionais persistissem. Um outro ponto preocupante foi quem fez o anúncio: o General Mohammed Hamdan Dagalo, presidente-adjunto do conselho. Dagalo é conhecido pelo nome de "Hemedti" e lidera as Forças de Apoio Rápido do Sudão (RSF).

As RSF emergiram das implacáveis milícias Janjaweed, em Darfur, em 2013, e Hemedti, um antigo negociante de camelos, foi nomeado comandante da força, noticiou a Al-Jazeera, em Junho de 2019. A Human Rights Watch chamou as RSF de "homens sem misericórdia" e a força matou aproximadamente 200 pessoas e apreendeu e feriu outras centenas durante os protestos de 2013, em Cartum. Em 2015, as RSF foram consideradas uma "força normal" e dois anos depois foram incorporadas no Exército Sudanês, onde respondiam directamente a al-Bashir e o protegiam de tentativas de golpes.

A ironia de que Hemedti e as RSF estavam envolvidos no Conselho de Soberania não ficou perdida para o povo sudanês.

"Não queremos avançar com as RSF como parte do exército sudanês," Hajooj Kuka, um manifestante e membro do movimento pró-democracia, Girifna, disse à Al-Jazeera. "Neste momento, perdemos totalmente a confiança neles."

O CAMINHO CERTO PARA O SUDÃO

Depois da saída de al-Bashir, as dificuldades económicas persistiram no Sudão e a COVID-19 acrescentou-se aos problemas do país. Estes desafios, aliados ao recente golpe militar, fazem com que os esforços do Sudão para realizar a garantia de Hamdok, de um sector de segurança profissional, pareçam remotos.

Em Novembro de 2020, o Dr. Luka Biong D. Kuol, director dos assuntos académicos do ACSS, escreveu que a jornada do Sudão para um sector de segurança profissional enfrentou muitos desafios.

Em Outubro de 2020, o governo de transição assinou um acordo de paz com a Frente Revolucionária Sudanesa, que incluía vários grupos rebeldes, para acabar com a violência a nível nacional que matou centenas de milhares de pessoas e deixou outros milhares deslocados, noticiou a Al-Jazeera. Mas dois grupos armados influentes — o Movimento de Libertação do Sudão, com sede em Darfur, e o Movimento Popular de Libertação do Sudão-Norte — não assinaram na altura.

General Mohammed Hamdan Dagalo assina um acordo de partilha de poder, em Cartum, no dia 17 de Agosto de 2019.

Soldados sudaneses preparam-se para destruir armas ilegais recolhidas de civis, na base de Hajar al-Asal, em Setembro de 2020.

Kuol escreveu que a Carta Constitucional do Sudão e o pacto de paz incluía pessoal uniformizado nas suas definições restringidas de segurança. Para além disso, a carta indicou os militares como sendo os únicos responsáveis pelas transformações das suas instituições. "Para além de pedir que o exército se reforme, esta abordagem não considera o facto de que, numa democracia, os civis desempenham um papel vital no estabelecimento da visão e da estratégia política do sector de segurança," escreveu Kuol.

Ele argumentou que os esforços de reforma abrangentes incluiriam os parlamentares, a sociedade civil, o judiciário e as finanças, as autoridades de imigração e as alfandegas, só para mencionar alguns.

O desarmamento, a desmobilização e a reintegração (DDR) também são uma componente crucial numa reforma geral do sector de segurança com vários grupos armados como o Sudão. DDR é o processo de levar as armas dos grupos armados, retirar os combatentes desses grupos e ajudar os ex-combatentes a reentrarem nas comunidades de forma segura e produtiva.

Kuol afirmou que era provável que o processo DDR do Sudão fracasse, a menos que fizesse parte de uma visão nacional maior ou de uma estratégia de segurança dirigida por líderes com comando sólido e com controlo das forças envolvidas. Uma estratégia nacional de segurança é essencial para o processo.

Os webinários do ACSS enfatizaram este ponto. Medhane Tadesse disse, no webinário do dia 29 de Março de 2021, que uma política nacional é "o ponto de entrada" para o começo de conversações inclusivas sobre o sector de segurança e esforços mais abrangentes de construção do Estado. Tais conversações deviam incluir questões sociais e políticas e serem cada vez mais inclusivas.

"Em termos mais genéricos, isso podia ajudar a criar um contrato social em África, trazendo os diferentes actores, trazendo os cidadãos e as várias partes interessadas para o diálogo na formulação de uma visão comum," disse Tadesse, um especialista em matérias de paz e segurança em África.

O sector de segurança do Sudão também tinha um papel a desempenhar na transição do país. De facto, apenas ficará beneficiada dos esforços bem-sucedidos, argumentou o Dr. Joseph Siegle, director de pesquisa do ACSS, numa publicação feita num blog e originalmente escrita para a página da internet árabe, Tawazun.net, em Março de 2021.

Os líderes militares arriscam-se a herdar dissabores civis relacionados com as dificuldades económicas do Sudão se se apegarem ao poder. Entregar as rédeas às autoridades civis pode melhorar a segurança, permitindo que o governo busque alcançar outros acordos de paz com os grupos rebeldes residuais. Isso também permitiria que o exército se concentrasse na segurança das fronteiras e no extremismo violento, escreveu.

Civis sudaneses carregam um homem ferido durante os protesteos contra o golpe militar de Outubro de 2021, em Cartum.

Um exército livre de tarefas políticas pode concentrar-se na reforma e deixar as preocupações económicas para o Estado resolver, escreveu Siegle. Uma economia mais robusta, por sua vez, garantiria rendimentos para os salários dos militares, pensões e benefícios de reforma, que podem facilitar a migração dos oficiais seniores para o sector privado.

"Não existe uma, mas sim múltiplas forças armadas sudanesas," escreveu Siegle. "A transição constitui uma oportunidade para que os profissionais militares voltem a ganhar o controlo e voltem a dedicar as forças armadas para proteger o Estado e os seus cidadãos, com uma estrutura de comando unificada e padrões uniformes para o treinamento, a disciplina, o recrutamento e as promoções baseadas no mérito."

Até aos princípios de Novembro de 2021, dezenas de milhares de civis estavam a protestar contra o golpe nas ruas de Sudão, um desenvolvimento que alguns observadores afirmam que encontrou al-Burhan desprevenido. As forças de segurança tinham matado muitos manifestantes em consequência dos protestos.

"Por causa da resistência e do apoio dados a Hamdok e seus camaradas civis pelo Ocidente, acreditamos que Burhan terá de concordar em partilhar o poder," Zaynab Mohamed, analista de assuntos políticos da Oxford Economics Africa, disse à CNBC. "As tensões na arena política continuarão altas nos próximos meses enquanto as partes envolvidas tentam negociar um novo acordo, e esperamos que a violência mortal continuará contra os manifestantes que se posicionam contra o golpe de Estado. ❑

FORÇAS ARMADAS
Aprendem com a
RESPOSTA À COVID-19

Os exércitos de África foram lançados para desempenharem papéis inesperados durante a pandemia. Esperavam aprender dos sucessos e dos fracassos.

Um oficial do exército tunisino administra uma vacina contra a COVID-19 numa mulher, numa escola secundária, em Manouba, em Agosto de 2021. SOPA IMAGES

Soldados exigem o cumprimento dos regulamentos da COVID-19 numa barricada, na fronteira das províncias de Noroeste e de Gauteng, em Maio de 2020. GALLO IMAGES

EQUIPA DA ADF

Os soldados do exército tunisino estavam na aldeia de Kesra, em Julho de 2021, a desempenhar tarefas que antes pareciam inimagináveis. No centro de saúde da aldeia, soldados armados com espingardas montaram guarda do lado de fora, enquanto os médicos militares administravam a vacina da COVID-19 dentro da unidade sanitária.

A Tunísia estava a enfrentar o seu pior aumento significativo da COVID-19 desde que a pandemia começou há mais de um ano, e o governo ordenou que o exército ajudasse a liderar a resposta.

Os profissionais de saúde militares vacinaram milhares de pessoas em Kesra e outras aldeias no centro do país. O presidente tunisino, Kais Saied, disse que enviaria helicópteros militares para as regiões montanhosas para fazerem a entrega de vacinas nas zonas remotas.

Uma residente de Kesra, Rafika Achour, disse que tinha sido convidada duas vezes para ser vacinada, mas recusou-se. Entretanto, a reputação dos soldados da Tunísia fez com que ela mudasse de ideia.

"Quando ouvi falar da chegada do exército, decidi vir receber a vacina... para mim, [o exército] é mais honesto do que os outros," disse Achour ao The Associated Press.

A Tunísia fez mais do que enviar soldados para ajudarem com as vacinações. O presidente, frustrado com a falta de progresso da luta do seu país contra o vírus, anunciou, em Julho de 2021, que estava a entregar a gestão da crise de saúde da COVID-19 ao departamento de saúde do seu exército.

Soldados montam guarda enquanto homens esperam para receber a vacina contra a COVID-19, durante um esforço de Julho de 2021 dirigido pelo exército, em Jendouba, Tunísia. REUTERS

Outros países africanos também chamaram o pessoal médico do seu exército para ajudar na luta contra a pandemia. A África do Sul destacou mais de 70.000 tropas no início do surto, em 2020, para fazer cumprir o seu confinamento obrigatório. Desde essa altura, o país enviou pessoal militar médico para os hospitais da província de Gauteng, o coração comercial do país, para ajudá-los a lidar com os números de casos de COVID-19 que cada vez mais aumentavam.

Agora, mais de um anos depois dos encerramentos iniciais causados pela COVID-19, os líderes africanos estão a olhar para como as coisas decorreram, esperando aprender desta experiência única.

CONFINAMENTOS OBRIGATÓRIOS NECESSÁRIOS

Quando a COVID-19 atingiu a África, no início de 2020, os líderes de muitos países impuseram confinamentos obrigatórios, tentando manter as pessoas em casa para não interagirem com os outros e propagarem a doença. Quando os cidadãos resistissem aos confinamentos, os soldados eram enviados para o terreno para assumirem o controlo. Em alguns casos, isso não funcionou conforme o planificado, com as tropas de países como Quénia, Nigéria e África do Sul a serem acusadas de terem reagido excessivamente aos protestos.

Não há dúvidas de que os confinamentos obrigatórios que o exército exigia que se cumprissem eram necessários. No caso da África do Sul, o Presidente Cyril Ramaphosa teve a escolha de reduzir a propagação do vírus com um confinamento obrigatório ou arriscar punir um sistema de saúde já enfraquecido a ponto de chegar a um colapso.

"Diante desta escolha," comunicou o periódico Journal of the Law and Biosciences, em Julho de 2020, a decisão de Ramaphosa "de encerrar o país não pode ser criticada

e pode ser que tenha sido decisiva para conter e reduzir a propagação do vírus."

África do Sul teve algum tempo para preparar a sua resposta à pandemia. Passaram-se semanas antes que a doença chegasse às suas fronteiras. O país, com base naquilo que tinha aprendido de crises semelhantes pelo mundo, sabia da importância de preparar uma resposta. Mas a sua reacção chegou tarde.

Não há dúvidas de que os confinamentos obrigatórios que o exército exigia que se cumprissem eram necessários

Soldados da Força de Defesa Nacional da África do Sul fazem a patrulha de um internato para homens, na cidade densamente habitada de Alexandra, a leste de Joanesburgo, fazendo cumprir o confinamento obrigatório para controlar a propagação da COVID-19, em Março de 2020. THE ASSOCIATED PRESS

Na reportagem de Julho de 2020 da revista "Between a rock and a hard place: COVID-19 and South Africa's response (Entre a espada e a parede: COVID-19 e a resposta da África do Sul)," os pesquisadores disseram: "Tendo em consideração o tempo que foi necessário para chegar às suas fronteiras, a África do Sul tinha tempo para preparar uma resposta à COVID-19 e buscar da importância da sua resposta de comunidade informada para com outras epidemias. Contudo, apesar do impacto que estes regulamentos iriam ter sobre a sociedade civil, a falta de deliberação pública e de envolvimento comunitário no desenvolvimento destes regulamentos é preocupante."

Houve uma adesão inadequada por parte do público, o que levou a protestos e violência. Uma grande lição que qualquer país pode aprender da pandemia da COVID-19 é de que nunca é cedo demais para envolver o público.

África do Sul, como outros países, sabia que tinha de fazer cumprir as restrições de movimento e outras actividades e sabia que as pessoas iriam resistir a estas normas. Mas os especialistas acreditam que não foi feito o suficiente para educar o público sobre aquilo que estava por vir e solicitar contribuições do público sobre o que era necessário para garantir a sobrevivência económica durante os confinamentos obrigatórios. A resposta "militarizada" da África do Sul resultou em oito mortes nas mãos da polícia durante a primeira semana dos confinamentos obrigatórios e cenários infelizes como a prisão de todos os participantes de uma festa de casamento.

"A resposta do governo da África do Sul é caracterizada por uma confiança exagerada e fé depositada no poder da lei criminal," comunicaram os pesquisadores. "Esta resposta militarizada era muito evidente, com o presidente Ramaphosa a aparecer de uniforme militar na noite em que o confinamento obrigatório total iniciou. O não cumprimento de algumas das restrições do confinamento obrigatório pode resultar em prisão de até 6 messes, multa ou ambas."

A FORMAÇÃO MILITAR PÁRA

Com a pandemia, os treinos não obrigatórios do exército foram paralisados e ainda não tinham sido reiniciados na totalidade até meados de 2021. Por exemplo, o programa de Ensino e Formação Militar Internacional do Departamento do Estado dos EUA forma milhares de pessoas, militares e civis, numa variedade de tópicos, desde o ensino superior para oficiais militares seniores até as técnicas de primeiros socorros e de salvamento para pessoal alistado. Em 2019, o programa formou 5.181 estudantes estrangeiros de 153 países, com maior parte deles sendo formados nos seus países de origem. Muito poucos viajaram para os Estados Unidos.

A COVID-19 não encerrou o programa, mas impediu que o pessoal dos EUA pudesse viajar para o exterior para ensinar no local. Sem instalações de ensino online disponíveis, como videoconferências, a formação de desenvolvimento da carreira nos exércitos de África fica impraticável. Os líderes militares aprenderam da forma mais difícil que, no futuro, devem confiar mais em videoconferências para formação nas salas de aula.

Esta formação requer acesso a uma ligação à internet estável, uma fonte de energia confiável, computadores e conhecimento de como operar os sistemas.

Tendo dito isto, em quase todos os tipos de ensino, as videoconferências nunca irão substituir completamente as aulas presenciais.

"Tradicionalmente, o mercado africano favorece a aprendizagem baseada na sala de aulas e isto dá espaço para debates e resolução de problemas como um grupo — a aprendizagem com base num cenário é sempre destacada como um benefício fundamental," comunicou o International Security Journal. "Ser capaz de resolver trefas definidas traz a teoria para vida e possibilita que o tutor estimule a mente dos alunos para saírem do modo de pensar obsoleto dos seres da segurança de 'portões, guardas e armas.'"

RESPONDER A RECLAMAÇÕES

Muitas organizações militares possuem meios de solicitar o feedback, incluindo as reclamações do público. Em 2012, a Força de Defesa Nacional da África do Sul (SANDF) criou o Gabinete do Provedor do Exército Sul-africano,

para lidar com queixas de membros actuais e antigos das forças de defesa. O gabinete também investiga as reclamações do público, relacionadas com o exército.

Quase que desde o início do confinamento obrigatório da COVID-19, noticiou a Agência Africana de Notícias, os cidadãos começaram a apresentar queixas ao gabinete do provedor sobre o uso excessivo de força e a agressão física pelos soldados da SANDF. O Daily Maverick, da África do Sul, comunicou, em Junho de 2020, que o gabinete do provedor tinha recebido 32 queixas sobre a conduta dos soldados durante o confinamento obrigatório, incluindo a morte de um homem de 40 anos de idade proveniente de Alexandra a quem os soldados tinham acusado de ingerir bebidas alcoólicas em público.

Antes do confinamento obrigatório, o gabinete do provedor tinha, na essência, trabalhado com as queixas dos seus próprios soldados. Provou desde então ser uma válvula de segurança valiosa, dando ao público os meios necessários para apresentarem as suas queixas.

PROTEGENDO AS SUAS FRONTEIRAS

Dos sete continentes, África possui o maior número de países, 54 ao todo. Historicamente, a cooperação das fronteiras entre os países não tem sido forte. A pandemia obrigou cada país a repensar a segurança das suas fronteiras para reduzir a propagação do vírus. Os países africanos tiveram de adoptar um acto de equilíbrio, manter o vírus fora enquanto permitem os movimentos fronteiriços e o comércio.

Um resultado típico da mudança de política de encerramento e abertura foi visto em Julho de 2021, quando o presidente senegalês, Macky Sall, ameaçou encerrar as fronteiras do seu país e reimpor um estado de emergência depois de o Senegal ter registado um recorde no número diário de casos de COVID-19 pela terceira vez numa semana.

"Gostaria de dizer com toda a clareza que, se os números continuarem a subir, tomarei todas as medidas necessárias, incluindo se isso significar regressarmos a um estado de emergência ou encerrar as fronteiras ou proibir as movimentações," disse Sall, num discurso transmitido pela televisão.

Uma falta de políticas de segurança das fronteiras coordenadas não é algo novo para os países africanos. No seu estudo de Dezembro de 2020, "Garantindo a segurança e estabilizando as fronteiras na África do Norte e Ocidental," o autor Matt Herbert disse que os países precisavam de "enfatizar a coordenação, remover os conflitos em termos de papéis e mandatos e desenvolver uma compreensão holística da missão de segurança da fronteira, os seus desafios e o papel do envolvimento positivo com as comunidades fronteiriças."

Herbert, escrevendo para o Instituto de Estudos de Segurança, fez várias recomendações. Uma em particular: Minimizar o papel do exército na segurança das fronteiras a favor de unidades policiais.

Outras recomendações incluíam:

- Ter em conta o impacto das abordagens de segurança dos países vizinhos nas fronteiras um do outro.
- Ter em consideração a capacidade e a habilidade das forças dos Estados vizinhos para moldar positivamente as tendências transfronteiriças.
- Desenvolver iniciativas que não estão apenas focadas para a segurança, mas também para o desenvolvimento sustentável.
- Enfatizar a reforma regional, quer como parte de iniciativas concebidas a nível central ou por meio de programas.
- Enfatizar a coordenação, remover os conflitos nos papéis e mandatos e desenvolver uma compreensão holística da missão de segurança da fronteira, os seus desafios e o papel do envolvimento positivo das comunidades fronteiriças.

Um médico do exército senegalês examina um residente local num hospital de campanha durante o surto da COVID-19, em Touba, Senegal. REUTERS

Soldados passam por camiões de bombeiros em frente de uma cadeia masculina, depois de uma manifestação ter irrompido, em meio a propagação da COVID-19, em Freetown, Serra Leoa, em 2020. REUTERS

"As unidades militares podem desempenhar um papel benéfico no combate à violência transfronteiriça e ao terrorismo transnacional, mas a sua utilidade contra o contrabando e a criminalidade é mais duvidosa," concluiu Herbert. "O risco de uma confusão a longo prazo dos papéis dos civis e do exército provavelmente supera os benefícios a curto prazo para a eficácia operacional dos sistemas de segurança das fronteiras." ❑

Carros de Rally Chegam às Ruas de Nairobi

NOTÍCIAS DA BBC EM BBC.CO.UK/NEWS

O piloto Sebastien Ogier venceu o rally no seu Toyota Yaris. THE ASSOCIATED PRESS

No Quénia, a estrada que liga a capital, Nairobi, e a cidade de Naivasha tinha alguns carros com um aspecto meio diferente a competir com os matatus, os machimbombos e as camionetas.

Os carros de rally estiveram no país em Junho de 2021 quando o Campeonato do Mundo de Rally (WRC, sigla inglesa) regressou 19 anos depois. O mundialmente famoso Rally Safari era uma parte regular do calendário do WRC, entre 1973 e 2002, e era considerada a corrida mais forte do campeonato.

Problemas financeiros fizeram com que o evento fosse retirado do calendário, em 2003.

A COVID-19 causou o atraso do seu regresso que tinha sido planificado para 2020, mas o único evento do WRC de África regressou em 2021. Milhares de espectadores vieram ver os carros quando partiram do Centro Internacional de Convenções Kenyatta, em Nairobi, para a primeira parte competitiva da corrida, no complexo do estádio da cidade de Kasaran.

Para além de participantes estrangeiros, havia alguns de origem queniana e outros do vizinho Uganda. Trata-se da 68ª vez que o rally, que também já decorreu no Uganda e na Tanzânia, é organizado. O Quénia irá acolher o Rally Safari do WRC anualmente até 2026.

O piloto francês, Sebastien Ogier, no seu Toyota Yaris, conseguiu a primeira posição no rally e o queniano Onkar Rai venceu a Categoria 3 do WRC.

'Cidade Dourada Perdida' Encontrada no Egipto

NOTÍCIAS DA BBC EM BBC.CO.UK/NEWS

A descoberta da cidade de 3.000 anos de existência, que tinha sido perdida para as areias do Egipto, foi celebrada como um dos achados arqueológicos mais importantes desde a tumba de Tutancâmon.

O famoso egiptologista, Zahi Hawass, anunciou a descoberta da "cidade dourada perdida" perto de Luxor. Ele disse que se trata da descoberta da maior cidade antiga, conhecida como Aten, alguma vez descoberta no Egipto. A cidade data desde o reinado de Amenontep III, um dos faraós mais poderosos do Egipto, que governou de 1391 a 1353 A.C. A cidade continuou a ser utilizada pelos faraós Ay e Tutancâmon, cuja tumba quase que intacta foi descoberta no Vale dos Reis, em 1922.

Betsy Brian, professor de egiptologia na Universidade Johns Hopkins, disse que a cidade "nos daria um vislumbre raro sobre a vida dos antigos egípcios" numa altura em que o império se encontrava no seu momento de maior prosperidade.

As escavações produziram uma variedade de achados arqueológicos, incluindo jóias, utensílios de barros coloridos, amuletos de escaravelhos e tijolos de lama com o selo de Amenontep III. A equipa começou as escavações no banco ocidental de Luxor, próximo do Vale dos Reis, 500 quilómetros a sul da capital, Cairo.

"Dentro de semanas, para a grande surpresa da equipa, formações de tijolos de lama começaram a aparecer em todas as direcções," Hawass disse no seu comunicado. "O que desenterraram foi o local de uma cidade grande em boas condições de preservação, com paredes quase completas, e com quartos cheios de ferramentas de uso quotidiano."

Foram descobertas várias áreas ou bairros, incluindo uma padaria, um distrito administrativo e uma área residencial.

"Muitas missões estrangeiras procuraram por esta cidade e nunca a encontraram," disse Hawass, ex-Ministro de Antiguidades do Egipto.

Chefe dos trabalhadores das escavações, Aly Farouk, em pé, próximo das ruínas da recentemente descoberta "cidade dourada perdida," de 3.000 anos de existência, no actual Luxor, Egipto. REUTERS

LANÇADO DOCUMENTÁRIO SOBRE AFROBEATS

EQUIPA DA ADF

Uma série de nove partes mapeando o surgimento global do Afrobeats acaba de estrear em Lagos, Nigéria. "Afrobeats: Os Bastidores" foi filmado durante 20 anos.

Cantor e compositor nigeriano Fela Kuti actua, em 1986, com a sua banda. THE ASSOCIATED PRESS

O documentário foi produzido pelo cineasta nigeriano, Ayo Shonaiya, e financiado pelos serviços de streaming de música, Boomplay, de acordo com a BBC. A Boomplay, com os seus 56 milhões de subscritores, fornece uma plataforma confiável e flexível para apoiar a música africana de todos os géneros. É a maior plataforma de streaming de música na África Subsaariana.

O Afrobeats não deve ser confundido com Afrobeat, um género desenvolvido nas décadas de 1960 e 1970 e misturado com jazz americano e funk. As características do Afrobeat incluem bandas grandes, solos instrumentais longos e ritmos complexos semelhantes ao jazz. O artista de Afrobeat, Fela Kuti, atribuiu o nome ao género.

Entretanto, o Afrobeats é descrito como um descendente do Highlife e da música nigeriana, Fuji. O Highlife é um género musical que originou no que hoje é o Gana, no século XIX. Utiliza estruturas melódicas e rítmicas da música tradicional Akan, do Gana e da Costa do Marfim, mas é tocada com instrumentos ocidentais. É caracterizado por trombetas de jazz e várias guitarras, que lideram a banda. Nestes últimos anos, evoluiu para um som com um ritmo acelerado e cheio de sintetizadores.

Os críticos da música africana foram cuidadosos para distinguir o Afrobeat do Afrobeats.

Alguns círculos argumentam que o Afrobeat é basicamente a música de Kuti, que morreu em 1997 e continua a ser o artista musical mais influente de África. O Afrobeats é um género menos específico e simplificado como a música pop africana.

Lançada Liga de Basquetebol em África

NOTÍCIAS DA BBC EM BBC.CO.UK/NEWS

"África … Aqui estamos! Que o jogo inicie!" foram as palavras utilizadas por Amadou Gallo Fall, do Senegal, para fazer o lançamento da partida inaugural da Liga Africana de Basquetebol (BAL, sigla inglesa), em Maio de 2021. Fall, o presidente da liga, estava preparado para o arranque cerimonial da competição apoiada pela Associação Nacional de Basquetebol dos EUA (NBA), na Kigali Arena, Ruanda.

A honra de marcar os primeiros pontos na BAL foi para Ben Uzoh, um nigeriano americano e antigo jogador da NBA. "Irá mudar vidas. Isto irá criar oportunidades para que pessoas de todo o continente alimentem as suas famílias," Uzoh disse à BBC Sport Africa. "É a NBA de África. Como tal e para uma criança que está a crescer aqui no continente, isso é algo que pode dizer que lhe pertence e prepara os jogadores do futuro. Somente este aspecto é muito poderoso. É transformador."

A actual pandemia global da COVID-19 fez com que todos os jogos tivessem de decorrer na Kigali Arena, com capacidade de 10.000 assentos — em vez do plano inicial de utilizar sete cidades anfitriãs no continente. Apesar da pandemia, 1.500 espectadores e dignitários convidados foram autorizados a entrar na arena vibrante e cheia de cores semelhantes às cores nacionais do Ruanda: azul, verde e amarelo.

Os que tiveram a sorte de estar dentro da arena deram o seu apoio à equipa da "casa" com aplausos e cantos de "Avancemos Patriotas, Avancemos" e "Defesa! Defesa! Defesa!"

Também houve muita emoção acrescida pelo rapper dos EUA, vencedor de um prémio Grammy, J. Cole, estreando-se como jogador dos Patriots e também esteve registado na ficha dos resultados.

Os adeptos não ficaram desiludidos quando os Patriots percorreram a pista no primeiro período para ganhar o jogo, para a alegria do treinador principal da equipa, Alan Major.

"É com muita humildade para mim que faço parte deste evento que faz a história e estou muito feliz pelos nossos rapazes," disse. "Em segundo lugar, poder vir e vencer este jogo, o primeiro jogo deste evento histórico."

Jogadores competem durante uma partida da Liga Africana de Basquetebol na Kigali Arena, Ruanda. REUTERS

Programa dos EUA e da Níger Informa os Civis Sobre os Perigos dos DEIs

Impressões digitais brilham durante a análise de uma componente de um dispositivo explosivo improvisado encontrado no Mali. Os extremistas estão a espalhar os dispositivos a partir do Mali para o oeste do Níger.

AFP/GETTY IMAGES

Soldados dos EUA e das Forças Armadas do Níger trabalharam em equipa para produzir e distribuir cartazes e brochuras visando alertar os civis sobre os perigos dos dispositivos explosivos improvisados.

FORÇAS ARMADAS DO NÍGER

EQUIPA DA ADF

Em Outubro de 2020, dois trabalhadores das minas de ouro de Samira, no oeste do Níger, morreram quando a sua viatura activou um dispositivo explosivo improvisado (DEI). Cinco meses depois, em Fevereiro, uma outra bomba matou membros da Comissão Nacional Independente de Eleições daquele país, no dia das eleições presidenciais.

Os DEIs tornaram-se um problema de segurança no Níger, onde as fronteiras porosas permitem que os extremistas atravessem a partir do vizinho Mali.

"Os dispositivos explosivos improvisados são uma das principais preocupações nas nossas operações," Tenente-Coronel Hamadou Djibo, chefe das Forças Armadas do Níger (FAN), disse numa reunião com os membros do Comando dos Estados Unidos para África (AFRICOM). "As populações civis também não são poupadas."

Durante a reunião no quartel-general do Estado-Maior das FAN, o pessoal do exército dos EUA ofereceu às FAN 50.000 cartazes e brochuras destinadas a educar a população do Níger sobre o risco dos DEIs e como reagir ao encontrá-los.

Os cartazes e as brochuras incluem imagens de armas que os civis devem evitar, juntamente com um número de telefone para ligar caso encontrem algum destes dispositivos. Acima de tudo, os cartazes alertam a população para evitar tocar em DEIs suspeitos.

Durante a reunião, o Capitão do Exército dos EUA, Lucas Holmes, disse que a campanha de informação visa reunir os residentes, os líderes religiosos e os líderes tradicionais com as forças de segurança do Níger para expulsar os extremistas.

"O caminho a ser seguido de modo a derrotar e destruir as organizações extremistas violentas e as suas redes criminosas pode ser difícil, mas uma coisa é certa: o governo nigerino e a sua população irão vencer," disse Holmes.

Os cartazes fazem parte do projecto de luta contra a proliferação de dispositivos explosivos improvisados que está a decorrer no AFRICOM para formar os exércitos da região do Sahel e da Bacia do Lago Chade. Para além dos soldados das FAN, os formadores dos EUA também trabalharam com os soldados de Camarões, Chade e Nigéria.

No Níger, as forças dos EUA formaram 90 soldados para desactivar DEIs, como parte dos esforços para impedir que os dispositivos matem ou mutilem a população. Djibo disse que as forças dos EUA irão continuar a trabalhar com o exército e com os membros de segurança do Níger para melhorar a sua habilidade de lidar com a proliferação de DEIs.

"A produção destas 50.000 brochuras disponibilizadas ao Exército Nigerino pelo governo americano irá fortalecer as nossas capacidades para combater esta ameaça e reduzir estes efeitos destrutivos sobre a nossa população," disse Djibo.

UNESCO

MARCO CAMARONÊS

Como um Lembrete das Antigas Batalhas

EQUIPA DA ADF

Na cidade de Goulfey, na região do extremo norte dos Camarões, uma torre de barro de 12 metros de altura é o lembrete de uma era passada.

O povo de Kotoko construiu a Torre de Goto-Goulfey cerca de 500 anos atrás. Fazia parte de um muro de fortificação que protegia a cidade de invasores e oferecia um ponto elevado de vantagem a partir do qual podiam observar a parte ao redor.

Hoje, a estrutura foi convertida num museu que conta a história da região com enfoque para o armamento e a estratégia de batalha utilizada para defender a cidade.

"Este museu constitui, acima de tudo, a história do principado Kotoko," Abba Aba Kakaa, oficial de comunicações do museu, disse à EuroNews. "Esta estrutura foi criada há muito tempo e pode ser rastreada até às sociedades antigas."

Muitas das armas antigas forjadas a partir do ferro são exibidas no museu.

"Nesta era não tínhamos armas para lutar contra os inimigos," disse Abba Aba Kakaa. "Utilizávamos setas e arcos e lanças e qualquer coisa que pudesse servir como um porrete. Estas eram as nossas armas."

Esse era o caso dos finais do Séc. XVIII quando o senhor de guerra sudanês, conhecido por Rabah, chegou para converter as pessoas ao islão, raptar escravos e fazer com que a região esteja sob o controlo do Império de Bornu. Ele enfrentou uma oposição feroz. Durante ataques como estes, todos os habitantes da cidade pegavam em armas.

"Quando de cima viram movimento e pessoas desconhecidas, souberam que vinham para guerra," guia turístico do museu, Mahamat Abame, disse à EuroNews. "Os habitantes, por sua vez, pegaram em armas, passaram por aqui e foram atacá-los lá fora."

Embora a violência contínua no norte dos Camarões faça com que seja difícil visitar, a estrutura foi submetida como parte de uma lista provisória para ser considerada um Património da Humanidade da UNESCO.

"A torre é uma obra-prima do génio da criatividade humana que claramente simboliza uma estratégia militar que possibilitou que estas pessoas antecipassem ataques por parte dos vizinhos," lê-se na descrição da UNESCO. "A arquitectura militar permitiu a sobrevivência desta população em caso de várias guerras que surgiram na região durante os séculos passados."

Noruega e Parceiros da África Ocidental

Criam Centro Marítimo

EQUIPA DA ADF

O Comité das Pescas do Centro-Oeste do Golfo da Guiné (CPCO) criou um Centro Regional de Monitoria, Controlo e Vigilância (RMCSC) para ajudar a combater a pesca ilegal.

Sediado em Tema, Gana, o centro irá ajudar os países membros Benin, Costa do Marfim, Gana, Libéria, Nigéria e Togo a fazerem a gestão dos seus sectores de pesca. O novo centro foi integrado na Força-Tarefa da África Ocidental do CPCO, que é financiada pela Agência Norueguesa de Cooperação para o Desenvolvimento.

O centro foi aberto em Maio de 2021, está equipado com sistemas de rastreio de embarcações e tem a capacidade de recolher dados de embarcações de pesca autorizadas em toda a região onde a pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (INN) tem sido um problema durante décadas.

"A criação do RMCSC traz-nos um passo mais próximo do alcance de abordagens coordenadas para a acção conjunta, incluindo patrulhas para a melhor segurança no domínio marítimo da nossa região," disse Seraphim Didi, secretário-geral do CPCO.

As práticas comerciais marítimas ilegais custam aos países da África Ocidental aproximadamente 1,95 bilhões de dólares em toda a cadeia de valores pesqueiros e 593 milhões de dólares por ano em rendimento familiar. A pesca INN também dizima as unidades populacionais de peixe, destrói os ecossistemas e tem sido ligada a outros crimes, tais como a pirataria e o tráfico de drogas.

A China é o pior infractor da pesca INN no mundo, de acordo com o Índice de Pesca INN e tem como alvo a África Ocidental já há muitos anos.

Espera-se que o centro ajude os países a combaterem os métodos que os arrastões de pesca utilizam para evadir-se dos agentes da lei nas zonas onde a segurança marítima é fraca, como a falsificação de licenças de embarcação e registos de informação, a subnotificação das quantidades capturadas, o uso de equipamento ilegal e nomes de embarcações incorrectos e o desligamento dos seus transmissores para evitar serem detectados.

As embarcações da pesca ilegal, muitas vezes, içam a bandeira do país no qual o navio está registado, em vez do país do proprietário do navio, para evitar encargos financeiros ou regulamentos. As embarcações pagam uma taxa de registo aos países.

Membros da Marinha do Benin preparam-se para fazer a inspecção do arrastão suspeito de pescar ilegalmente. SEA SHEPHERD GLOBAL

PROJECTO 'DEEP BLUE' DA NIGÉRIA TEM COMO ALVO A PIRATARIA

EQUIPA DA ADF

Com a pirataria a aumentar nas águas da África Ocidental, a Nigéria lançou o seu Projecto Deep Blue, uma abordagem multifacetada para combater o crime no Golfo da Guiné.

Forças Especiais da Nigéria trabalham com o pessoal da marinha marroquina durante um exercício de interceptação de piratas. AFP/GETTY IMAGES

O esforço avaliado em 195 milhões de dólares reúne uma mistura de navios, aeronaves e drones para fazer a patrulha das linhas de navegação marítima agitadas ao largo da costa da Nigéria. Irá identificar potenciais áreas problemáticas e responder de forma rápida à pirataria. O projecto vem depois de os legisladores nigerianos promulgarem a Lei da Supressão da Pirataria e Outras Ofensas Marítimas, em 2019, para fortalecer a segurança marítima.

"Este conjunto de novos activos de segurança marítima vêm num momento crítico em que os debates globais estão centrados na pirataria e na nova dimensão que esta tomou na região do Golfo da Guiné," presidente nigeriano, Muhammadu Buhari, disse no lançamento do Deep Blue, em Junho de 2021, em Lagos.

Entre o arsenal de combate à pirataria do Deep Blue estão 600 tropas treinadas de forma especial, 16 veículos blindados, quatro drones e 17 barcos de interceptação rápida, juntamente com outros navios e aeronaves.

Na mesma cerimónia, Bashir Jamoh, director-geral da Agência Nigeriana de Administração e Segurança Marítima, disse que o país irá trabalhar com a Organização Marítima Internacional com sede em Londres para "restaurar a sanidade nas nossas águas."

Colégio de Defesa do Quénia Passa para Universidade Plena

EQUIPA DA ADF

O Colégio Nacional de Defesa das Forças de Defesa do Quénia recebeu uma carta que a autoriza a tornar-se uma universidade de pleno direito. O upgrade irá permitir que ela ofereça formação nos níveis de licenciatura e pós-graduação a líderes militares e civis locais e estrangeiros em assuntos relacionados com desafios de segurança actuais e emergentes.

O presidente Uhuru Kenyatta outorgou a carta, permitindo que esta seja a primeira universidade de especialização do país nos termos da Lei das Universidades, de 2012.

Num discurso proferido durante a cerimónia de entrega de prémios da instituição, em Maio de 2021, Kenyatta disse que a renomeada Universidade Nacional de Defesa do Quénia irá ajudar o exército do país a abordar os mais prementes problemas de segurança.

"Como sabem, o nosso país sofreu muito com ataques de terroristas nestes últimos anos, sem mencionar as ameaças que os crimes organizados transnacionais e os conflitos intra-Estatais representam," disse. "Os ataques físicos não são a nossa única ameaça; também existem ameaças virtuais para a nossa segurança, como a guerra cibernética e o controlo hostil de sistemas electrónicos do Estado."

Kenyatta enfatizou o compromisso para apoiar a universidade para que alcance os seus objectivos de formação, pesquisa e serviço. Ele presidiu uma cerimónia de graduação de 55 oficiais militares seniores e funcionários públicos de Burundi, Malawi, Nepal, Tanzânia, Uganda, Zâmbia e Quénia.

A Secretária do Gabinete de Defesa do Quénia, Monica Juma, disse que a designação de universidade é um grande passo em frente nos esforços contínuos de dar aos profissionais de segurança do país acesso à formação de elite.

"Não iremos mais enviar os nossos especialistas para fora para terem formação. É dispendioso e leva tempo," disse Juma à Citizen TV. "A NDU é um acréscimo para uma família de instituições de formação do Ministério de Defesa, que são verdadeiramente importantes. Temos um conjunto completo de centros de excelência com acreditação a nível global que a NDU irá levar como parte das suas faculdades."

O presidente queniano, Uhuru Kenyatta, profere um discurso durante a cerimónia de entrega de prémios na Universidade Nacional de Defesa do Quénia. STATE HOUSE KENYA

Costa do Marfim Abre Academia de Combate ao Terrorismo para Conter Avanços Extremistas

EQUIPA DA ADF

Em esforços para virar o jogo contra os grupos extremistas do Sahel, a Costa do Marfim inaugurou a Academia Internacional de Combate ao Terrorismo (AILCT). O campus de 1.100 hectares localiza-se 50 quilómetros fora de Abidjan e inclui uma escola para oficiais do governo, um centro de treinamento para forças especiais e um instituto de pesquisa.

"A AILCT será a vanguarda da resposta de uma África Ocidental livre e consciente, especialmente treinada e rigorosamente determinada," disse o Primeiro-Ministro da Costa do Marfim, Patrick Achi, durante a cerimónia de inauguração.

O presidente da Costa do Marfim, Alassane Ouattara, e o presidente francês, Emmanuel Macron, criaram o programa de formação de combate ao terrorismo em 2017. Desde essa altura, já treinou 500 profissionais de 15 países africanos. As novas instalações terão módulos de treinamento para a polícia, o exército, agentes alfandegários e administradores de centros prisionais.

Solados costa-marfinenses garantem a segurança durante a inauguração da Academia Internacional de Combate ao Terrorismo, em Jacqueville, Costa do Marfim. AFP/GETTY IMAGES

Os líderes enfatizaram que as suas portas estão abertas para todas as forças de segurança da região.

"A AILCT deve ser um centro de experiência e competência regional na luta contra o terrorismo para ajudar a estabilidade dos nossos Estados e a segurança das nossas populações," disse Ouattara.

Backers ofereceu 27 milhões de dólares para a primeira fase da academia com 45 milhões de dólares antecipados para a segunda fase. Na abertura, a AILCT pode formar três grupos de 25 estudantes em simultâneo.

Operação Militar de Casamança Traz Promessa de Paz Há Muito Esperada

EQUIPA DA ADF

Os residentes da região instável de Casamança estão esperançosos, depois de uma ofensiva militar ter expulsado os rebeldes para fora das fortalezas de florestas.

Em Janeiro de 2021, as Forças Armadas Senegalesas lançaram uma campanha na região sul para retirar os separatistas conhecidos como Movimento das Forças Democráticas de Casamança (MFDC). Os ataques por via terrestre, com apoio aéreo, destruíram três bases dos rebeldes. Em Maio, as forças senegalesas começaram uma outra campanha cerca de 30 quilómetros a sul da capital regional, Ziguinchor.

Comandos senegaleses permitiram que os jornalistas vissem as bases abandonadas onde rebeldes que fugiam deixaram roquetes antitanque, minas terrestres e AK-47s. Os soldados também descobriram abrigos utilizados pelos rebeldes.

"Vários abusos foram perpetrados contra a população nesta região e os grupos armados estão simplesmente à procura de garantir a habilidade de explorar os recursos florestais," Coronel Souleymane Kandé, comandante da quinta zona militar do Senegal, disse à Radio France Internationale (RFI). O MFDC controlou o tráfico de madeira e de cannabis na região. Durante a ofensiva de Fevereiro, o exército descobriu vários hectares de campos de cânhamo que, segundo disse, "alimentava a economia dos criminosos."

Um soldado senegalês emerge de um bunker subterrâneo numa base rebelde do Movimento das Forças Democráticas de Casamança. AFP/GETTY IMAGES

Durante aproximadamente 40 anos, os confrontos fizeram com que dezenas de milhares de pessoas ficassem deslocadas, as quais desejam regressar. Entretanto, o exército senegalês alertou que as minas terrestres ainda representam uma ameaça em algumas zonas.

Um homem, Yaya Bodian, ficou muito emocionado depois de regressar para a sua aldeia de Bouniack depois de esta ter sido liberta pelo Exército Senegalês.

"É a aldeia onde dei os meus primeiros passos, onde frequentei a escola na década de 1990," disse Bodian à RFI. "Caem-me lágrimas e fico com calafrios quando vejo mais uma vez a terra que eu e meus pais abandonamos, 30 anos atrás."

ALDEIA SENEGALESA TRANSFORMA-SE NUM OASIS

Uma mulher da comunidade de Baye Fall, em pé, ao lado de um embondeiro na aldeia de Ndem, Senegal.

REUTERS

Debaixo do sol escaldante que se faz sentir na savana do Senegal, os jardins verdejantes da aldeia de Ndem constituem um santuário.

Dentro de uma cerca de hibiscos, filas de produtos hortícolas crescem debaixo das fruteiras. Homens com dreadlocks e mulheres com mantos coloridos, de tecido pintado e bolsas cozidas destinadas a boutiques de luxo e empresas de mobília.

São membros de Baye Fall, uma ramificação da irmandade muçulmana Mouride, do Senegal, que acredita que o trabalho é uma forma de oração. Em Ndem, eles criaram um oásis numa região há muito assolada pela seca.

"Somos levados ao amor pela partilha, pelo trabalho, reflectindo-se na melhoria das condições de vida do nosso ambiente, em harmonia com a natureza," disse Fallou Mbow, de 29 anos de idade, cujo trisavô fundou a aldeia.

Os pais de Mbow e outros fundaram a organização não-governamental Ndem Villagers (Aldeãos de Ndem), em 1984, para fazer a gestão de diversos projectos de desenvolvimento. Desde então, o grupo cresceu para cerca de 4.600 membros que renovaram a paisagem com a ajuda de sistemas de irrigação e energia solar.

"É apenas em Ndem onde existe este tipo de oportunidades de trabalho," disse Mame Diarra Wade, uma das 120 mulheres que processam o fruto do embondeiro para transformá-lo num pó consumível. "Estamos felizes de ver aqueles que são oriundos das aldeias ao redor virem trabalhar connosco."

A pedido dos líderes de Mouride, a família Mbow mudou-se, em 2015, para uma outra aldeia, próxima de Mbacke Kadjior, para replicar o seu sucesso. A aldeia agora orgulha-se de possuir movimentadas oficinas de artesanato e extensos jardins.

"Um dos principais objectivos é de realmente reduzir o êxodo rural," disse Maam Samba Mbow, irmão mais novo de Fallou Mbow, "para criar uma economia local dinâmica que seja boa para os aldeãos, para que possam ter uma vida feliz com actividades interessantes em vez de sair à procura de emprego nas grandes cidades."

GÂMBIA ELIMINA TRACOMA COMO AMEAÇA À SAÚDE

NOTÍCIAS DA BBC EM BBC.CO.UK/NEWS

A Organização Mundial de Saúde (OMS) aplaudiu a eliminação do tracoma como uma ameaça à saúde pública, afirmando que irá salvar famílias, incluindo crianças, da cegueira.

Os profissionais de saúde foram instados a vigiarem a tendência para "manter os ganhos."

O tracoma é causado pela bateria clamídia e propaga-se de pessoa para pessoa por meio de dedos contaminados, moscas e toalhas. Se não for tratado, as pálpebras ficam cronicamente inflamadas e isso pode eventualmente levar à cegueira.

O tracoma continua a ser endémico em 29 países africanos, de acordo com a OMS. A Gâmbia eliminou o tracoma depois de quase quatro décadas de trabalho, disse o governo, no seu comunicado.

"O sucesso da Gâmbia na eliminação do tracoma começa na comunidade," disse Sarjo Kanyi, gestor do Programa Nacional de Saúde Ocular da Gâmbia e coordenador da iniciativa contra o tracoma.

Uma rede de unidades de oftalmologia foi montada em todo o país com a ajuda de organizações não-governamentais, e milhares de voluntários foram de porta em porta à procura de pessoas que tivessem a doença.

REUTERS

Um cirurgião remove suturas dos olhos de uma paciente de tracoma.

PRIMEIRA JUÍZA PRESIDENTE

DIRIGE SECÇÃO DO TRIBUNAL DO QUÉNIA

REUTERS

Juíza Presidente do Quénia, Martha Koome, discursa perante os membros do judiciário, depois da sua cerimónia de investidura, em Nairobi.

THE ASSOCIATED PRESS

O presidente queniano, Uhuru Kenyatta, nomeou a juíza do tribunal de recurso, Martha Koome, como a primeira juíza presidente daquele país da África Oriental e dirigente máxima do aparelho judiciário.

Ela ganhou o cargo de juíza presidente num conjunto de outros nove concorrentes, incluindo alguns dos advogados e académicos mais proeminentes do país. Os candidatos foram entrevistados em directo na televisão pela Comissão de Serviços Judiciais, em Abril de 2021.

Koome, de 61 anos de idade, teve uma carreira notável com mais de 33 anos na prática de justiça privada e como membro do judiciário. Nenhum dos juízes eleitos do Tribunal Supremo se candidatou para o cargo de Juiz Presidente.

Agora Koome enfrenta a tarefa de adjudicar qualquer contestação dos resultados das eleições presidenciais marcadas para Agosto 2022.

Ela estudou direito na Universidade de Nairobi, tendo graduando na Escola de Direito do Quénia, em 1987, com distinção, e foi posteriormente admitida na ordem dos advogados.

Koome foi nomeada juíza em 2003 e serviu na Comissão da União Africana para os Direitos e Bem-estar das Crianças, entre 2005 e 2010. Ela liderou a Divisão de Terras e Meio Ambiente do Tribunal Supremo.

Koome concluiu o seu Mestrado em Direito na Universidade de Londres, em 2010, e, em 2012, foi nomeada para o Tribunal de Recurso.

Durante o seu mandato, Koome promete acabar com a corrupção no sistema judiciário e salvaguardar a sua independência.

"Eu sou uma juíza que olha para a sociedade, e os quenianos irão sentir-se seguros comigo," disse.

PANDEMIA AUMENTA A Popularidade de Algumas Culturas

Um rapaz derrama água num recipiente para lavar gengibre fresco, num mercado, em Kaduna, Nigéria.

REUTERS

Trajada de hijab, Karima M. Imam caminha na sua machamba, no norte do matagal da Nigéria, enquanto trabalhadores colhem gengibre, uma raiz nodosa, de cor castanho, vista como ouro desde o surgimento da COVID-19.

"Se eu tivesse capital, plantaria mais. As pessoas procuram por gengibre agora e não existem quantidades suficientes," disse ela na sua machamba de 5 hectares nos arredores de Kaduna.

Enquanto a pandemia continua, as pessoas de todo o mundo procuram proteger-se da doença, recorrendo aos famosos alimentos saudáveis. Diversos cientistas descartaram muitas das afirmações das redes sociais sobre como os superalimentos nos podem proteger do vírus, mas o seu papel positivo como parte de uma dieta saudável continua amplamente conhecido.

Numa altura em que a demanda por alimentos halo aumenta significativamente, os preços do gengibre na Nigéria e do açaí no Brasil subiram, enquanto as exportações do açafrão indiano e do alho chinês subiram no ano passado.

Na Nigéria, um saco de 50 quilogramas de gengibre, que pode ajudar o corpo a combater os germes e é utilizado como um remédio para gripes, agora é vendido a 15.000 nairas (39 dólares), tendo subido de 4.000 para 6.000 nairas há dois anos.

Graças à grande demanda pelo gengibre, Imam foi capaz de começar a construção de uma nova casa próximo da Millennium City, com um pequeno armazém anexo para que ela possa armazenar e vender gengibre fresco, que vende mais do que a sua versão seca.

Chefe das Forças de Defesa do Quénia, General Robert Kibochi, segundo a partir da direita, confere os planos de reabilitação da linha férrea Longonot-Mau Summit-Kisumu-Butere. KDF

DE CARNE A LINHAS FÉRREAS: KDF CONTRIBUEM PARA O DESENVOLVIMENTO

EQUIPA DA ADF

As Forças de Defesas do Quénia (KDF) estão a assumir a liderança de projectos de desenvolvimento destinados a colocar a economia do país em andamento depois da COVID-19. Os projectos incluem operar uma instalação de produção de carne e reabilitar uma linha férrea e um porto.

Embora estas não sejam tarefas militares tradicionais, os líderes civis e militares afirmam que o país precisa da mão-de-obra e experiência das KDF.

"A segurança e o desenvolvimento estão intrinsecamente relacionados. São dois lados da mesma moeda," Chefe das Forças de Defesa do Quénia, General Robert Kibochi, disse à Kenyan Broadcasting Corp.

Em Setembro de 2020, o Presidente Uhuru Kenyatta deu às KDF a autorização para começarem a fazer a gestão da Comissão de Carne do Quénia. A empresa nacional de abate e processamento de carne esteve inoperacional devido a avarias no equipamento, corrupção e outros problemas, mas sob a liderança das KDF, reabriu em Maio de 2021.

"O sector é fonte de meios de subsistência de milhares de quenianos, e as forças do mercado não corresponderam às nossas expectativas, especialmente nos tempos de seca, sendo assim necessário o envolvimento do governo," disse Kenyatta.

Kibochi disse que as KDF trouxeram especialistas como engenheiros, veterinários e outros para ajudar a gerir as instalações. A nova administração tudo fez para que os agricultores fossem pagos atempadamente pelo seu gado, em contraste com o passado, quando, por vezes, tinham de esperar anos para poderem receber o seu pagamento.

KDF

As KDF também estão a trabalhar com os Caminhos de Ferro do Quénia, o Serviço Nacional da Juventude e os administradores locais para reabilitar a faixa da linha férrea entre Longonot e Butere. O trabalho inclui construção de pontes e galerias de escoamento, restaurar estruturas de drenagem, substituir vagões, construir cercas e alinhar os trilhos. As KDF também estão a trabalhar na construção e na dragagem do Porto de Kisumu, que se localiza ao longo da linha férrea.

Kibochi disse que o objectivo não é de militarizar as tarefas civis, mas, pelo contrário, fazer o uso do conhecimento e da eficiência dos militares e poupar o dinheiro dos contribuintes.

"Temos grande experiência em quase todas as áreas — engenharia, medicina — só para mencionar algumas," disse Kibochi. "Por que não usar esse conhecimento para ajudar o nosso país?"

ÁFRICA POSSUI
RECURSOS EÓLICOS NÃO EXPLORADOS

EQUIPA DA ADF

O Conselho Global de Energia Eólica diz que África possui potencial de energia eólica, que, se for explorado de forma adequada, pode satisfazer as demandas de energia do continente e facilmente repor quaisquer perdas de empregos quando os consumidores deixarem de usar os combustíveis fósseis. O conselho diz que África está a utilizar apenas 0,01% do seu potencial de energia eólica, noticiou o The Southern Times.

Acima: Um parque eólico em Molteno, África do Sul

Um relatório do conselho observou que 27 países africanos possuem potencial eólico próprio para satisfazer as necessidades de todo o continente.

"A Argélia possui a maior capacidade dos recursos com um potencial total de 7.700 gigawatts, o equivalente a mais de 11 vezes a actual capacidade eólica instalada a nível global," noticiou o jornal. "Outros quinze países possuem potenciais técnicos eólicos de mais de 1.000 gigawatts, incluindo Mauritânia, Mali, Egipto, Namíbia, África do Sul, Etiópia e Quénia."

O Quénia revelou-se como o maior projecto de energia eólica de África numa região seca a 600 quilómetros a sul de Nairobi, em 2019. O Quartz Africa noticiou que o parque de Energia Eólica do Lago Turkana é composto por 365 turbinas, com a capacidade de distribuir 310 megawatts de energia de baixo custo para a rede eléctrica nacional do Quénia.

Em todo o mundo, a energia eólica é uma das que apresenta maior crescimento e fontes menos dispendiosas de novas formas de produção de energia, com mais de 650 gigawatts de capacidade instalada. A capacidade de energia eólica instalada em África representa menos de 1% das instalações do mundo.

O conselho disse que o total de potencial de energia eólica em África de mais de 59.000 gigawatts é equivalente a 90 vezes a capacidade de energia eólica actual instalada a nível global.

BANCO MUNDIAL
INVESTIRÁ 2 BILHÕES DE DÓLARES
EM ÁFRICA

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

O Banco Mundial anunciou que irá investir 2 bilhões de dólares para apoiar médias e pequenas empresas em África e reforçar o comércio enquanto a região se recupera da crise provocada pela COVID-19.

A International Finance Corporation (IFC), o braço do banco para o desenvolvimento centrado no sector privado em mercados emergentes, irá investir 1 bilhão de dólares em financiamento directo a empresas e outro 1 bilhão de dólares para o apoio do financiamento do comércio internacional.

O pacote combinado de 2 bilhões de dólares está "entre os maiores compromissos de sempre do IFC para iniciativas específicas de África," disse a corporação, acrescentando que a COVID-19 "colocou a região numa recessão, reduziu o fluxo do investimento directo estrangeiro e empurrou milhares de mais africanos para a pobreza."

Um artista sul-africano trabalha num pequeno estúdio de moda, em Kayamandi.

"A recuperação a longo prazo irá depender da obtenção de fundos que os pilares da economia necessitam actualmente," Director-Geral do IFC, Makhtar Diop, disse num comunicado.

O custo económico da COVID-19 para os países africanos foi devastador, com o Fundo Monetário Internacional a alertar, em finais de 2020, que o continente experimentou um défice de 290 bilhões de dólares em rendimentos esperados até 2023, o que põe em risco os esforços de desenvolvimento.

‘As Mulheres Podiam Fazer o Que Quisessem’

MISSÃO DE ASSISTÊNCIA DA ONU NA SOMÁLIA

EQUIPA DA ADF

Asli Hassan Abade fez história como a primeira mulher piloto da força aérea em África. Ela é produto de um tempo único na história da sua terra natal, Somália.

Depois de a Somália tornar-se um país independente, em 1960, as suas ramificações militares cresceram em força e habilidade. Num certo momento, a Força Aérea da Somália tinha a maior capacidade de ataque aéreo do Corno de África.

Asli nasceu em 1958, uma de nove irmãos. A sua família vivia numa base da força aérea, e ela podia ver a pista a partir de casa.

“Eu via aviões levantarem o voo e aterrarem no aeroporto. Isso é o que me deu a coragem de pilotar uma aeronave do meu país pelo menos uma vez na vida,” disse.

Durante a sua juventude, o ensino público melhorou, com as matrículas a multiplicarem-se nas cidades e vilas. Nas cidades, raparigas como Asli podiam estudar em escolas públicas.

“As mulheres podiam fazer tudo o que quisessem,” ela disse a uma Missão de Assistência da ONU na Somália, numa entrevista de 2017. “Elas faziam parte da elite; faziam parte das forças de defesa, incluindo a marinha e a infantaria. Eram professoras de universidade, membros do partido no poder e estavam em todas as partes do governo.”

Asli começou a treinar num Cessna 150, em 1976, antes de passar para aeronaves mais complexas. “A prática era um pouco intensa e os meus formadores estavam confiantes nas minhas habilidades,” disse. “Demonstrei que era uma boa aluna e queria que me confiassem aeronaves mais avançadas.”

Mais tarde na sua carreira, ela foi formada para pilotar aeronaves militares de carga e um Airbus A320.

Depois de 10 anos de serviço, a sua carreira militar foi interrompida pela guerra civil na Somália, em 1991. Como muitos somalis daquele tempo, ela mudou-se para os Estados Unidos, onde cuidou de quatro filhos com o seu esposo. Regressou a Mogadício em 2011 para fazer a entrega de ajuda médica num hospital pediátrico durante uma fome devastadora.

“Estavam vários antigos colegas, oficiais e pilotos à espera, para me receberem no aeroporto,” disse. “Chorei, e todos ficaram emocionados e choraram comigo. Quando desci do avião, primeiro beijei o chão. … Não pude acreditar que estava realmente em Mogadício.”

A sua alegria foi sol de pouca dura. Por causa da presença do grupo extremista al-Shabaab em Mogadício, ela teve de fugir da sua amada terra natal depois de apenas um dia. Em Julho de 2017, regressou de forma permanente para viver na Somália, onde continua a ser a primeira e única piloto do sexo feminino.

Com a força aérea do seu país actualmente inoperacional e sem nenhuma aeronave militar, pode ser que passe muito tempo antes de a Somália ter uma segunda piloto da força aérea do sexo feminino.

“O meu principal objectivo é capacitar a juventude e as mulheres; quero continuar na Somália para que possam imitar a mim e os meus esforços de deixar uma marca no país ainda muito cedo. Estou orgulhosa da minha história, não apenas pela Somália, mas também pela África.”.

ONDE ESTOU?

DICAS

1. Este lugar também é conhecido como Mij Mkongwe, que, em Suaíli, significa “Antiga Cidade.”
2. A antiga cidade de comércio Swahili conta com influências árabes, europeias e indianas, mas também retém as suas características indígenas.
3. Darjani Bazaar é o centro da zona comercial desta cidade, onde se vende comida, especiarias e objectos de arte.
4. Muitos edifícios são feitos de pedras duras de coralina e madeira dos mangais e montadas com argamassa de cal.

RESPOSTA Cidade de Pedra de Zanzibar, Tanzânia

PARTILHE O SEU CONHECIMENTO

Deseja ser publicado?

A Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas de segurança em África.

A revista é publicada trimestralmente pelo Comando Africano dos Estados Unidos e aborda temas como estratégias de combate ao terrorismo, operações de defesa e segurança, crime transnacional e questões que afectam a paz, estabilidade, boa governação e prosperidade.

O fórum permite que haja um debate aprofundado e intercâmbio de ideias. Gostaríamos de ouvir a opinião de pessoas das nossas nações parceiras africanas que compreendem os interesses e os desafios do continente. Submeta um artigo para publicação na ADF e deixe a sua opinião ser ouvida.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS NA ADF

REQUISITOS EDITORIAIS

- A preferência é para artigos com aproximadamente 1.500 palavras.
- Os artigos podem ser editados para se ajustarem ao estilo e espaçamento, mas a ADF irá colaborar com o autor quanto às alterações finais.
- Inclua uma pequena biografia sua com informações de contacto.
- Se possível, inclua uma fotografia sua de alta resolução e imagens relacionadas ao seu artigo com legendas e informações sobre os créditos da foto.

DIREITOS Os autores mantêm todos os direitos sobre o seu material original. No entanto, reservamo-nos o direito de editar artigos para que estejam em conformidade com os padrões do AP e do espaço. A apresentação do artigo não garante a sua publicação. Ao contribuir para a ADF, você concorda com estes termos.

SUBMISSÕES

Envie todas as ideias de reportagens, conteúdos e dúvidas para a Equipa Editorial da ADF através do **ADF.EDITOR@ADF-Magazine.com**. Ou envie um e-mail para um dos seguintes endereços:

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Unit 29951
APO AE 09751 USA

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Kelley Kaserne
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart Germany

adf
AFRICA DEFENSE FORUM

FIQUE LIGADO

Caso queira ficar ligado nas redes sociais, siga a **@ADFmagazine** no Facebook, Twitter e Instagram. Também enviamos notícias confiáveis sobre segurança directamente para si através da nossa lista de e-mails e do WhatsApp. Visite a página **ADF-Magazine.com/Contact** e diga-nos qual é a sua língua preferida (Inglês, Francês, Árabe ou Português), e mantenha-se actualizado sobre as mais recentes tendências e tópicos sobre segurança de toda a África.